

CELULOSE & PAPEL

ANO 1 Nº 1 ABRIL/MAIO/85

↓)



**PREVISÕES OTIMISTAS PARA
O SETOR DE CELULOSE.**

UMA AVALIAÇÃO DA ÁREA DE RELAÇÕES INDUSTRIAIS.

A busca da excelência.



Michelangelo Buonarrotti buscou a excelência no seu trabalho.

A meticulosa seleção do melhor material para suas esculturas era uma das marcas do seu gênio.

Ele sabia que, para ser perfeita nos últimos detalhes, e para ser eterna, sua obra tinha que ser perfeita nos mínimos detalhes.

A Riozell é assim.

Ao criar e desenvolver Primacell, sua polpa branqueada de eucalipto, começou com a matéria prima da melhor qualidade possível.

A mesma atenção à qualidade é mantida em todo o processo de fazer e comercializar Primacell.

A qualidade em primeiro lugar.

A qualidade acima de tudo.

A busca da excelência começa com um compromisso com a excelência.

PRIMACELL



da

RIOCELL

RIO GRANDE - COMPANHIA DE CELULOSE DO SUL

"Michelangelo e a busca da excelência".
Obra do artista brasileiro João

OS HORIZONTES DO SETOR NOS PRÓXIMOS 10 ANOS

Horácio Cherkassky - Presidente da ANFPC

UMA ANÁLISE de maior profundidade sobre as novas condicionantes variáveis que atuam sobre a conjuntura mundial e brasileira, em particular, revela os caminhos que precisarão balizar o comportamento empresarial no sentido de promover o desenvolvimento industrial de forma compatível com o comportamento do consumo projetado.

Há que se levar em conta que o novo modelo político brasileiro oferecerá maior ênfase na retomada do crescimento econômico, privilegiando, concomitantemente, a produção e o emprego e o consequente atendimento das necessidades sociais da população, estabelecendo, na esteira da democracia, um novo tipo de relacionamento entre as empresas, o Governo, os trabalhadores e a comunidade em geral. Prevalecem, também, as dificuldades para a captação de recursos e a identificação destes problemas indica que o caminho do mercado de capitais é a via preferencial que resta para o objetivo de capitalização das empresas.

Um estudo bastante amplo das perspectivas do setor de papel e celulose no Brasil, nos horizontes do decênio 1985—1995, elaborado em conjunto com a Fiesp, BNDES, CDI e Seap, com a colaboração do Grupo de Debates sobre Planejamento Estratégico do IPT, iniciativa das Associações Paulista e Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, mostra a consistência do trabalho como peça relevante para o planejamento setorial. Muitas das tendências identificadas podem servir de parâmetro para outros segmentos industriais. Mas, no quadro geral e amplo examinado, verificamos que, em relação à indústria de celulose e papel, apresentam-se limitadas as possibilidades de surgir novos projetos de porte para a produção de celulose. São fatores inibidores dessa assertiva o alto custo dos investimentos, a falta de base florestal adequada e o incerto retorno dos investimentos aos preços projetados. Esses elementos inibidores à implantação de novos projetos indicam que talvez só possamos contar com a expansão eventual da capacidade existente, aspecto que valoriza so-

bremaneira a introdução de inovações como, por exemplo, o maior uso de pastas de alto rendimento e a elevação dos teores de cinza e umidade na fabricação de papéis objetivando acomodar a situação futura de escassez da celulose química. Essa escassez de celulose traz maior preocupação aos fabricantes de papel não integrados que serão, naturalmente, conduzidos à busca de soluções alternativas para a satisfação de suas necessidades de fibras.

Nos anos recentes, marcados pelos sucessivos ajustamentos dos desequilíbrios interno e externo da economia brasileira, o setor de celulose e papel foi capaz de demonstrar sua vitalidade ao sustentar expressivos índices de crescimento. Muitas de suas empresas se voltaram de forma competitiva para os mercados de exportação, num esforço contínuo que embutiu investimentos significativos para o aprimoramento da qualidade e da produtividade, especialmente no campo energético.

O Brasil evoluiu, em 1984, para uma produção de 3.345 mil toneladas de celulose e 3.767 mil toneladas de papéis, crescendo, respectivamente, de 9,4% e 10,2% sobre o ano anterior. Materializando a posição brasileira de fornecedor já consolidada no mercado mundial, as exportações desses produtos atingiram, no mesmo ano, US\$ 750 milhões.

O potencial de crescimento do setor é bastante expressivo, o que mostra a necessidade de serem eliminadas ou contornadas algumas ameaças visíveis que estão desestimulando novos investimentos na área. Dentre elas: a compressão dos preços de celulose no mercado interno que penaliza as empresas produtoras; ausência de vantagens comparativas do Brasil em relação aos seus concorrentes internacionais para suprir o mercado externo, como os elevados custos portuários, a crescente valorização do dólar — momentaneamente refreada — o alto custo dos insumos de financiamentos das exportações e a retirada do crédito-prêmio do IPI que se constituía em mecanismo compensatório; o crescente processo de escassez e de elevação do preço da madeira, principal

materia-prima da celulose, nas regiões de consumo, com tendências de agravamento em função do fim da atual política de incentivos ao reflorestamento e do crescente uso da madeira para fins energéticos. A previsão segura é de que faltará base florestal a qualquer novo projeto de porte.

Uma projeção sobre a produção e o consumo de papel no Brasil, feita pela FAO, difere pouco das que constam desse estudo em profundidade. O minucioso balanço da oferta e da demanda aponta para um aumento médio de 7,5% no consumo dos diversos tipos de papéis ao longo dos próximos dez anos. De 24,9 kg/habitante, em 1985, deveremos evoluir para 40,4 kg/habitante em 1995.

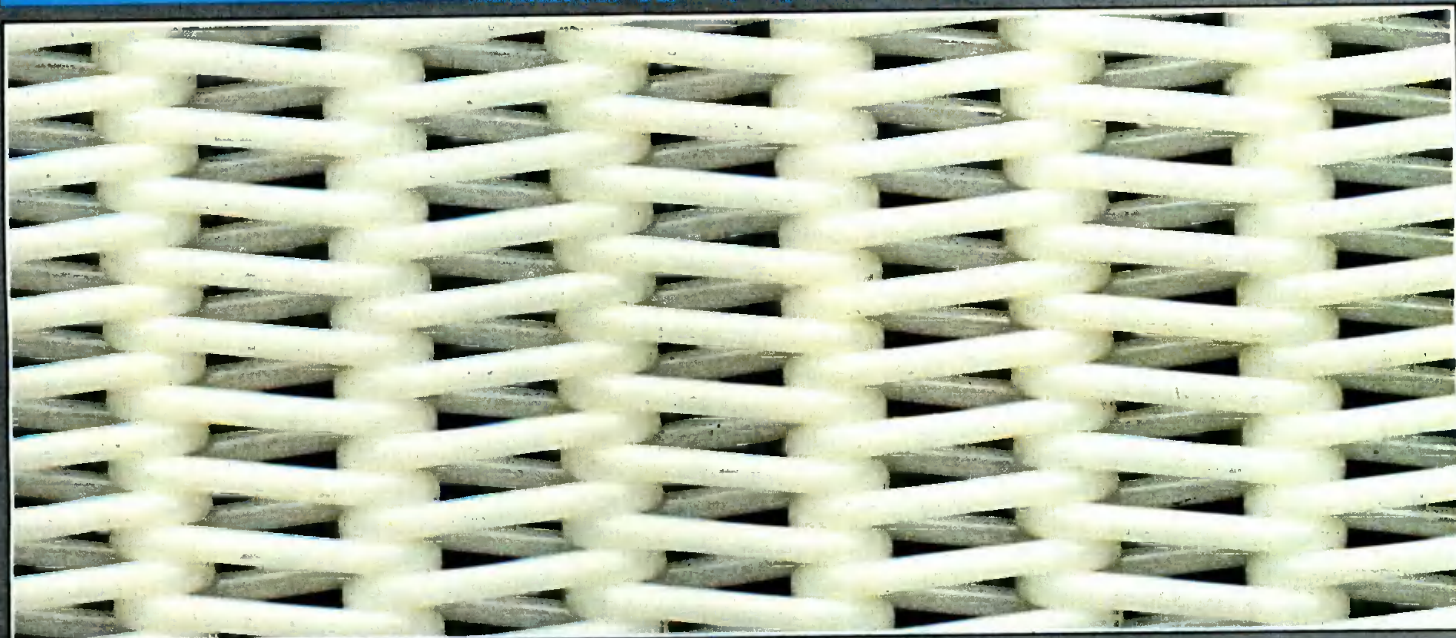
No âmbito do “modelo exportador” escolhido pelo segmento industrial em tela — produção para consumo interno e para exportações — a comparação da capacidade de produção instalada e a se instalar permite a identificação dos superávits e deficits ao longo dos próximos dez anos. No caso de papéis haverá uma necessidade adicional de produção da ordem de 500.000 t já em 1990. O deficit de matérias-primas fibrosas, por sua vez, pode ser estimado em torno de 300 mil toneladas já no fim da presente década, indicando que a partir de 1990 serão necessários expressivos incrementos da capacidade de produção de celulose de fibra curta branqueada e de pastas de alto rendimento.

Podemos concluir que a continuidade de desenvolvimento do setor reclama a necessidade de novos investimentos para a expansão da produção, além de adoção de tecnologias que possibilitem melhor equacionar a utilização das matérias-primas ainda ao longo da presente década. Para isso, além de uma política econômico-financeira estável e estimuladora da produção e do comércio, há necessidade de compatibilizar preços, financiamentos, política cambial e o mercado de capitais. O trabalho constitui um importante subsídio à formulação, pelos órgãos governamentais, de uma política industrial para o setor. Compete não desperdiçá-lo.

ALBANY
INTERNATIONAL

DRYFLEX

uma nova geração
de telas secadoras



DRYFLEX

A Albany International na vanguarda dos desenvolvimentos tecnológicos. A qualidade DRYFLEX é sistematicamente comprovada desde a pioneira instalação de telas espirais pela Albany Internacional - Brasil em Nov/82.

A tela DRYFLEX foi desenvolvida a partir dos avanços das emendas com espirais, possui maior resistência ao desgaste. Devido à sua maior permeabilidade proporciona melhor ventilação e secagem. E é fácil de limpar pois suas estruturas são mais abertas que as telas tradicionais. DRYFLEX possui área de contato muito maior que as telas tecidas, permitindo maior transferência de calor, melhor secagem, menor consumo de energia e diminui o risco de marcação.

Sua superfície é suave, uniforme e flexível.

Com sua oreola especial permite guiamento fácil com qualquer sistema.

DRYFLEX: revolução em termos de telas secadoras.

10 ANOS
ALBANY
INTERNATIONAL

CELULOSE & PAPEL

A Revista Celulose e Papel é o órgão oficial da "ANFPC" - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - Rua Afonso de Freitas, 499 - CEP 04006, São Paulo, SP - Fone: 544.1845.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

H. Horácio Cherkassky

CONSELHO EDITORIAL:

Alberto Fabiano Pires

Aldo Sani

Benjamin Solitrenick

Boris Tabacof

Jamil Aun

Marcelo L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

Lenomir Trombini

CONSELHO CONSULTIVO:

GT - 2 - Divulgação

COORDENADOR GERAL:

Daltro Lopes de Souza



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Elaborada por Clemente & Gramani Editora e Comunicações Ltda. **Editor:** Cleber Teixeira (MTb 14.568). **Redação:** Diva Gonçalves dos Santos (MTb 12.226) e Francisco Capella (MTb 12.577). **Diagramação e Produção Gráfica:** Sergio Lopes da Rocha. **Assistente de Arte:** Tomás Rossi. **Secretária da Redação:** Leila Khaznadar. **Capa:** Link Publicidade Ltda. **Ilustração:** Gerhard O.W.H. Hradec. **Redação e Publicidade:** Rua Ulisses Paranhos, 46, CEP 01330, São Paulo, SP - Tel.: 283.4775. **Composição:** Grafibrás. **Fotolito:** Marprint. **Impressão:** Lastri. **Tiragem:** 8.000 exemplares.

As opiniões e conceitos emitidos nos artigos não representam, necessariamente, o pensamento dos diretores da ANFPC ou de seus associados, podendo até ser contrários.

Nota da redação: A matéria "Modelo matemático na política de matérias-primas fibrosas" que, por engano, saiu sem crédito na edição anterior, é de autoria de Alberto Fabiano Pires.



BOAS PERSPECTIVAS PARA O SETOR DE CELULOSE 12

Depois de uma bem-sucedida movimentação no mercado internacional ao longo de 84, o setor de celulose viveu uma ligeira retração no primeiro semestre deste ano. Superadas as dificuldades, as previsões voltam a ser otimistas e já há indícios de uma nova recuperação.

EXPORTAÇÕES DE PAPEL SUPERAM AS EXPECTATIVAS 22

O segmento de papel de imprimir e escrever vem desenvolvendo um programa de exportação desde o último trimestre de 84. Como resultado, o volume de exportações para este ano deverá chegar a 380 mil toneladas, contra as 340 mil toneladas exportadas no ano passado.

UMA AVALIAÇÃO DA ÁREA DE RELAÇÕES INDUSTRIAIS 30

Através de uma política de Recursos Humanos centrada na segurança e desenvolvimento do homem, o setor tem conseguido assegurar a harmonia no relacionamento e com isso chegar a soluções de interesse comum, sem nenhuma espécie de confronto.

AS PROPOSTAS DA SBS PARA A ÁREA FLORESTAL 36

Atenta aos problemas que cercam a questão de florestamento no País, a Sociedade Brasileira de Silvicultura elaborou um documento para fornecer diretrizes estratégicas e propostas de ação para a execução de um Plano Nacional de Desenvolvimento Florestal.

O QUE FOI O ENCONTRO DA ANFPC EM OLINDA 42

Com a apresentação de diversos trabalhos de grande interesse e atualidade para o setor de papel e celulose, foi realizada em Olinda, no mês de março, a terceira reunião nacional da ANFPC, dentro do objetivo de proceder à descentralização de suas atividades.

Editorial.....	3	ABCP.....	28
Summary.....	6	ENEC.....	40
Noticiário ANFPC.....	8	PISA.....	46
Abigraf.....	24	Matéria Técnica.....	47

THE BRAZILIAN PULP AND PAPER SECTOR

THE FIRST ISSUE OF "CELULOSE E PAPEL" magazine now reaches your hands. This publication will express the viewpoint, difficulties, opportunities and needs of Brazil's pulp and paper producers. The articles in this and future issues will show that Brazil's National Association of Pulp and Paper Producers (ANFPC) strives to solve the industry's problems from a national perspective, reconciling the interests of all its members, from the small to the large company.

The industry is an important segment of the Brazilian economy, accounting for 2 percent of the country's GNP. It provides 70,000 jobs in the industrial sector and employs over 100,000 people in forestry. All told, some 800,000 people depend on the pulp and paper industry. During 1984 it contributed over US\$ 750 million to Brazil's balance of trade surplus.

It is clear that Brazil will occupy an important place among the world's pulp and paper producing countries. This country has an almost unlimited forest potential along with advanced technology. It also can depend on a highly developed industry producing pulp and paper equipment.

The segment, therefore, covers a broad area. It will be up to "Celulose e Papel" to cover its performance and at the same time facilitate communication and strengthen the bond between its members. For the reader to have an idea of the concerns facing the industry, we follow with a summary of the principal articles of this issue.

SIGNS OF RECOVERY IN THE PULP INDUSTRY

After a successful year of activity in international markets, the pulp industry experienced a slight market retraction during the first quarter of 1985. These difficulties have been overcome and market forecasts are optimistic with signs of recovery in market conditions.

POLICIES FOR HUMAN RESOURCES

The pulp and paper industry has focused its human resource policies on industrial safety and the professional development of its employees. The industry has been able to maintain a harmonious working relationship with them in reaching solutions of common interest.

THE NATIONAL MEETING OF ANFPC

The National Association of Pulp and Paper Producers (ANFPC) held its third national meeting, this March, in Olinda, State of Pernambuco. During the conference, presentations were given on various topics, including technical developments and market conditions.

AN AGGRESSIVE EXPORT PROGRAM

The printing and writing paper segment has developed an aggressive export program since the last quarter of 1984. As a result, exports for 1985 are expected to reach 380,000 metric tons; a 12 percent increase over the 340,000 tons exported last year.

A NATIONAL FORESTRY DEVELOPMENT PLAN

The Brazilian Silvicultural Society has prepared a proposal supplying strategic guidelines and action plans for the execution of a National Forestry Development Plan.



60 anos de tradição e qualidade.



Outubro, mês de festa. No dia 26, a Pirahy festeja o seu 60º aniversário. Foram seis décadas de trabalho e de dedicação, tempo mais do que suficiente para provar a fidelidade desta Companhia aos seus compromissos empresariais e às suas obrigações com as pessoas e com a terra brasileira. Uma terra tão bonita, uma natureza tão luxuriante que a ninguém será dado agredi-la. Respeitar, preservar, ajudar esta terra a manter as suas riquezas, a sua flora e a sua fauna, seus rios e seu clima tropical e acolhedor, estes são objetivos que devem ser encarados com prioridade. Nada melhor, então, do que — comemorando estes 60 anos — inaugurar a nova estação de tratamento de

efluentes industriais, que aparece em primeiro plano nesta foto. O que se deseja, sem poupar esforços e investimentos, é devolver à natureza, sem nódoas, aquilo que a ela se pede emprestado para realizar uma transformação industrial necessária ao desenvolvimento econômico da região.

Na foto, está bem visível a lagoa de equalização com 150 metros de comprimento e, à esquerda, os dois decantadores de 32 metros de diâmetro cada. Por trás deles, está o edifício onde se encontra o filtro a vácuo destinado a separar os sólidos do efluente, o qual depois de clarificado, é descarregado pelo vertedouro à direita da lagoa, sendo daí conduzido de volta ao rio Pirai.



Companhia Industrial de Papel

PIRAHY

Santista de Papel e Cesp avançam juntas

AO PASSAR a utilizar a energia elétrica como fonte de geração de vapor, a Companhia Santista de Papel, empresa integrante do Complexo Empresarial Ripasa, e a Cesp — Companhia Energética de São Paulo, inauguraram em fevereiro as instalações de uma caldeira elétrica. Assim, a Santista, que compra o vapor produzido e vendido pela Cesp, participa do esforço desenvolvido pela indústria brasileira, em busca de fontes alternativas de energia, em substituição aos derivados de petróleo.

Durante a inauguração, estiveram presentes, entre outras autoridades, o prefeito de Cubatão, Nei Eduardo Serra, o vice-presidente executivo da Companhia Energética de São Paulo, Paulo Miguel Kozma e o superintendente do complexo industrial Ripasa, Osmar Elias Zogbi, além do empresário das indústrias da região.

A Ripasa, um dos principais grupos de Celulose e Papel, desenvolveu projetos específicos de cada uma de suas unidades industriais, no sentido de substituir o óleo combustí-

vel. Na Santista, o projeto previa a instalação de uma caldeira elétrica, alimentada a alta tensão. A caldeira e todos os equipamentos necessários para o seu funcionamento foram implantados pela Cesp que, pela primeira vez, passa a vender o vapor diretamente ao consumidor e não a energia elétrica. Com a entrada em funcionamento da caldeira, a empresa deixa de consumir o

equivalente a 86.300 barris de petróleo por ano, além de serem eliminadas as emissões de poluentes no ar.

A redução e a racionalização do consumo de energia, além da preservação do meio-ambiente, são preocupações básicas da Ripasa, que vem implantando novos processos para obtenção de vapor em todas as suas unidades. É o que ocorre hoje na Santista, que

substituiu o óleo combustível por caldeiras de biomassa, de marca Brown-Bovery, tipo ESD-2454. Elas têm uma produção máxima nominal de 30,09 t/h, a uma potência máxima de 20,5 MW. A tensão de alimentação é de 13,8 Kv, produzindo um vapor com 98% de rendimento térmico. Na Santista, ela está funcionando com uma produção máxima de 22 t/hora.

Setor terá encontro nacional em agosto

NOS DIAS 15 e 16 de agosto será realizado, em São Paulo, o 1º Encontro Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - Enpapel, cuja efetivação ficará a cargo da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose - APFPC.

Entre os diversos objetivos do evento destacam-se os seguintes: promover a aproximação dos empresários do setor, objetivando a união na defesa dos interesses comuns;

promover um amplo debate sobre as principais questões políticas estruturais e conjunturais, intrínsecas e extrínsecas ao setor, com reflexos em sua manutenção e desenvolvimento; promover estreito e permanente diálogo com as entidades governamentais, inclusive objetivando maior participação no processo de tomada de decisões pertinentes ao setor, e demais que gerem reflexos ao mesmo.

A estrutura do Enpapel te-

rá como base as "Recomendações e Diretrizes para a Formulação de Programa de Ação para o Decênio de 1985/1995", estudo elaborado pelo GID - Grupo de Implementação de Diretrizes Estratégicas, criado pela Associação Paulista e que se encontra em fase final de edição para posterior remessa às entidades e empresas do setor.

Maiores detalhes sobre o encontro, na próxima edição.

Reunião da Cicepla em Santiago

COM a participação de representantes de diversos países latino-americanos, realizou-se recentemente, em Santiago do Chile, a reunião da Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino-Americana - Cicepla - e da FAO - Food and Agriculture Organization. Entre outros assuntos, foram apresentadas e analisadas as projeções de consumo aparente de papel por país para o período de 1985/2000.

Este exercício é de grande valia aos países produtores, como o Brasil, pois permite identificar as possibilidades de déficit ou superávit no abastecimento de papel e celulose a nível mundial, e desta forma, nortear seus planejamentos.

A FAO, nesta reunião, apresentou suas projeções, calculadas a partir da análise estatís-

tica da tendência histórica do consumo e do PIB, no período 1961-1982 para cada país.

Suas projeções para o Brasil estão muito próximas daquelas que constam do estudo "Perspectivas do Setor de Papel e Celulose - 1985/1995". Confira esses números no quadro abaixo.

PROJEÇÕES DE CONSUMO DE PAPEL NO BRASIL (1.000 t)

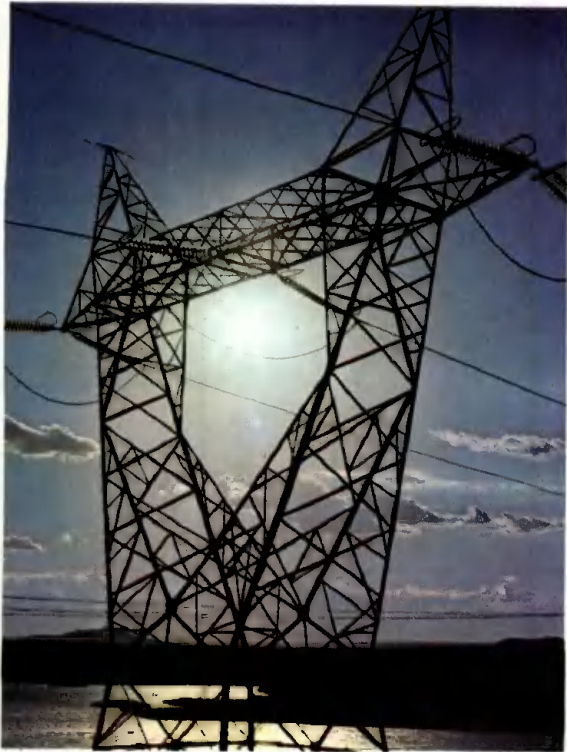
	1985	1990	1995
ANFPC	3.382	4.706	6.841
Cresc. %	2,97	7,77	7,77
FAO	3.493	4.835	6.828
Cresc. %	2,22	6,72	7,15

Indefinição federal pode impedir plantio de florestas em 1985

EM TELEX encaminhado ao presidente José Sarney e ao ministro da Agricultura, Pedro Simon, cinco entidades de classe de âmbito nacional denunciavam a ameaça de paralisação das atividades do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, em face da pendência da nomeação de seu novo presidente, o que "está impedindo a definição das cartas-consulta para projetos de reflorestamento a serem executados ainda neste ano agrícola". As entidades alertam que se não houver definição até 15 de maio para o problema "ficará praticamente impossível conciliar as atividades de plantio com as de administração dos incentivos, o que inviabilizará o plantio ainda este ano".

As entidades acrescentam seu desejo de colaborar com o Governo e recomendam que a presidência do IBDF seja exercida por pessoa com conhecimento da área, capaz de dar solução aos "seus sérios e complexos problemas". São signatários do documento os presidentes da Associação Brasileira de Carvão Vegetal, José Luiz de Magalhães Neto; da Associação Brasileira das Empresas de Reflorestamento, Jorge Humberto T. Boratto; da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky; da Associação Brasileira de Produtores de Madeira, Sérgio Lupattelli e da Sociedade Brasileira de Silvicultura, Ronaldo A. Guedes Pereira.

Um passo à frente em tecnologia.



A FICAP/elecab acompanha o progresso e confia no futuro do Brasil. São poucas as grandes obras da América Latina que não contam com o alto nível tecnológico dos produtos FICAP/elecab. Eles podem ser encontrados em concessionárias de energia elétrica, siderúrgicas, todas as cooperativas de telefonia rural de São Paulo, petroquímicas, refinarias, metrô, plataformas para prospecção de petróleo, construção naval, entroncamento Brasil-Uruguai e tronco de 60 MHz, ambos da EMBRATEL, entre outras. Especialização, qualidade e distribuição. Este é o trinômio que garante a marca de fios e cabos FICAP/elecab. Pode assinar embaixo.



FICAP/elecab

Fios e Cabos Plásticos do Brasil S.A.

Simão firma convênio com o Senai/SP

UM CONVÊNIO de colaboração visando incrementar os trabalhos de pesquisas aplicadas nas áreas de impressão e fabricação de papel foi firmado recentemente entre o Departamento Regional do Senai -SP e as Indústrias de Papel Simão S.A.

O acordo prevê também a preparação e reciclagem de recursos humanos, ampliação de programas de estágio e de visitas de complementação de estudos. A empresa compromete-se ainda, a fornecer gratuitamente papel de sua fabricação para a Escola Senai "Theobaldo De Nigris", que ministra cursos técnicos em nível de segundo grau nas áreas de celulose e papel e artes gráficas.

Assinaram o documento Plínio Assmann, presidente das Indústrias de Papel Simão S. A. e Êmile Eddé, diretor da empresa; Luiz Eulálio de Bue-

no Vidigal Filho, presidente da Fiesp/Ciesp e do Conselho Regional do Senai-SP, e Pau-

lo Ernesto Tolle, diretor do Departamento Regional do Senai-SP.

Visando incrementar os trabalhos, Assmann e Ernesto Tolle assinam o documento



Setor investe para expandir produção

"DETECTANDO sinais de recuperação econômica — que agora se confirmam — a indústria brasileira de papel investiu nos últimos dois anos US\$ 150 milhões, o que possibilitará, este ano, a produção de 1.160 mil toneladas de papéis fabricados a partir de fibra-curta de eucalipto". A informação é de Boris Tabacof, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, ao revelar um incremento de 10% na fabricação desses produtos em 1985 e outros 10% em 1986.

Segundo o empresário, neste ano, o segmento de papéis projetava inicialmente um crescimento de 8% para o mercado interno. "Estas projeções estão se revelando conservadoras — acrescentou — uma vez que o primeiro bimestre do ano acusa uma expansão de 15% no consumo doméstico, mercado considerado prioritário pelo setor".

Raul Calfat, diretor da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, adiantou que do volume de papéis para imprimir e escrever produzido neste ano, 380 mil toneladas serão direcionadas para o mercado externo, o que representa um acréscimo de 40 mil t no total exportado no ano anterior. "Apesar de

alguma redução dos preços internacionais, estes continuam atraentes em relação aos preços internos", informou. Os principais mercados abordados são a América Latina, Sudeste da Ásia e África, onde destaca-se a Nigéria que absor-

verá cerca de 50 mil toneladas dos produtos.

O empresário afirmou, ainda, que este programa de exportações, que deverá atingir cerca de 50 países, poderá vir a ser ajustado, caso prossiga a expansão da demanda no mer-

cado interno. "Nesse caso, o abastecimento do mercado doméstico será prioritário", concluiu. Atualmente, o comércio internacional de papéis brancos, atinge 1800 mil toneladas, cabendo ao Brasil a participação de 20% nesse total.

Indústrias Paulistas estudam matriz energética

ESTUDOS visando à recomendação de uma matriz energética industrial para o Estado de São Paulo deverão ser iniciados pelas indústrias de papel e celulose a partir do próximo ano, quando terminará a segunda fase do programa de substituição de combustíveis importados que o setor vem empreendendo desde 1979. Para isso, informou Benjamin Solitrenick, especialista em energia da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose (APFPC), essa entidade setorial vem estudando os principais problemas relacionados às várias alternativas energéticas, em conjunto com a Agência para Aplicação de Energia e representantes em-

presariais.

O setor de papel e celulose alcançou de 1979 até 1984, uma redução de 57,8% no consumo de combustíveis importados. Até o fim do ano, quando termina o atual programa de substituição energética, o setor espera obter uma redução de 64,6% no consumo de derivados de petróleo, contra um aumento na produção de 34,7%. Esse índice só se tornou possível a partir da utilização de formas alternativas de energia, como a biomassa florestal, hoje empregada em 109 das 160 empresas que operam no setor. Outras 26 indústrias se utilizam de combustíveis como bagaço de cana, carvão mineral ou a energia elétrica esco-

lhida pelas empresas paulistas.

Segundo José Zats, gerente da Agência para Aplicação de Energia, que participou de encontro promovido pelo setor para avaliação das alternativas energéticas no Estado de São Paulo, os principais problemas relacionados às várias alternativas energéticas concentram-se no preço, garantia de fornecimento, tecnologia e estrutura de distribuição. "Não basta provar que uma alternativa funciona — argumentou ele — é preciso demonstrar sua viabilidade econômica em todas as fases do seu processo, desde a exploração ou geração até a sua utilização dentro da indústria consumidora".



Rolamentos...

NÓS TEMOS A SOLUÇÃO!

Ligue em primeiro lugar
para a Platinum.

Depois disso você não terá que
ligar pra mais ninguém.

**Central de Rolamentos
Platinum**

MATRIZ • São Paulo Rua Margarida, 405

Tel.: (011) 826-1733 e 626-4133

CEP 01154 • Telex: (011) 31089 PLAT-BR

Bip de emergência: sábados, domingos e feriados (011) 815-3344 Código 6 LA
ESC. Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Curitiba e Porto Alegre

AS PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE CELULOSE

Superadas as dificuldades surgidas no primeiro trimestre do ano, o setor de celulose está operando a plena capacidade, programa metas de exportação e de abastecimento do mercado interno e inicia um novo período de recuperação.

DEPOIS DE UMA bem-sucedida movimentação no mercado externo, ao longo de 84, quando avançou posições e colheu dólares suficientes para substanciais aumentos de receita, o setor de celulose sofreu, no primeiro trimestre de 85, uma ligeira retração, provocada pela conjugação da valorização do dólar com a existência de elevados estoques que enfraqueceram rapidamente as cotações.

Passado esse primeiro momento de inquietação, as expectativas voltam a ser otimistas, como revela Armando Vieira Netto, presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Celulose (Abecel) e vice-presidente executivo da Aracruz Celulose: "As condições atuais parecem indicar uma reversão na tendência observada no primeiro trimestre deste ano. O dólar vem-se enfraquecendo e os estoques existentes começaram, finalmente, a recuar e em apenas um mês, entre fevereiro e março, caíram de 1,8 milhão de toneladas para 1,7 milhão de toneladas."

Com a paralisação da produção de algumas indústrias norte-americanas e nórdicas, o presidente da Cenibra - Celulose Nipo-Brasileira S.A., Ricardo Figueiredo, comenta: "Alguns sinais concretos de estabilização do mercado já começaram a aparecer." Para ele, a par da queda do estoque Norsecan, outro sinal concreto é que, a partir de abril, toda a tonelagem que ao entrar, desde o início do ano passado, provocou uma queda no

mercado, já praticamente surtiu todo o seu efeito e parece se extinguir pela própria assimilação da procura, forte em todo o período de baixa. "Todos estes fatos nos levam a crer que ainda no segundo e terceiro trimestre deste ano o mercado poderá se estabilizar e, então iniciar um novo período de recuperação, que esperamos venha ser mais duradouro que o anterior" - avalia Figueiredo.

Os resultados dos diagnósticos do que ocorreu nesse período revelam que não chegou a haver um curto-circuito no sistema e mesmo que se repitam problemas conjunturais, o setor buscará fórmulas para manter sua posição de maior exportador mundial de celulose fibra-curta, ultrapassando, inclusive, a comercialização externa dos Estados Unidos e da Suécia.

Afinal, as empresas trabalharam pacientemente seus consumidores, montaram departamentos de comércio, abriram escritórios, aproveitaram, enfim, as brechas existentes nessa área fortemente competitiva. "As exportações não vieram para atender um momento da economia brasileira, mas fazem parte de programas muito bem estudados - afirma Horácio Cherkassky, diretor-financeiro da Klabin do Paraná e presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. O setor conquistou confiabilidade no Exterior, tem qualidade competitiva nos seus produtos e, pela soma desses detalhes, em momento algum se considera a hipótese de abandonar posições con-

quistadas."

Raul Calfat, diretor do Grupo Simão, também não tem dúvidas de que "as metas de exportação continuarão sendo efetivamente cumpridas". Observa também que por ter como matéria-prima o eucalipto, que cresce em seis ou sete anos, a celulose brasileira apresenta uma vantagem de custo em relação aos concorrentes no Exterior, uma vez que as variedades florestais empregadas levam até 40 anos para poder ser utilizadas. "Além disso - acrescenta - a mixagem que existe lá fora entre celulose de fibra longa e de fibra curta tem favorecido esta última, ou seja, os produtores de papel no Exterior têm utilizado uma proporção cada vez maior de celulose de eucalipto em detrimento da celulose de fibra longa. Com isso, o mercado de fibra curta tende a crescer."

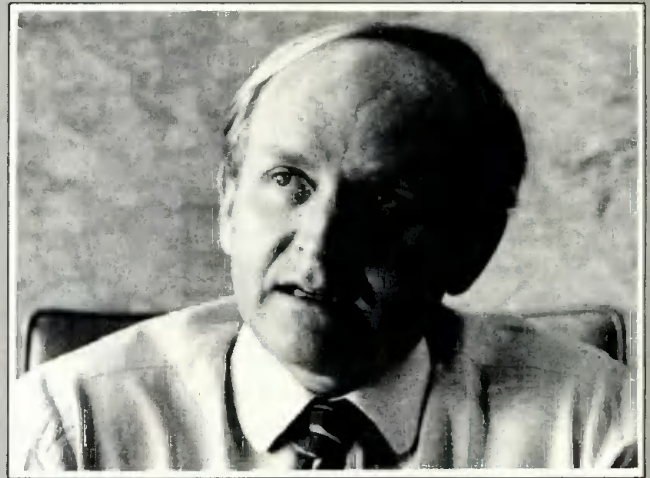
O presidente da Abecel também enfatiza que as exportações brasileiras de celulose "já consolidaram sua posição no mercado internacional" e, nos últimos três anos, geraram uma receita de US\$ 1 bilhão.

REALISMO CAMBIAL — Para quem está em permanente disputa num mercado extremamente concorrido, nada pode ser descartado ou esquecido. John Warren, diretor de vendas da Champion Papel e Celulose, coloca a questão da interdependência dos diferentes mercados. "Estamos con-

O setor conquistou a confiabilidade no Exterior



HORÁCIO CHERKASSKY:
"Vamos permanecer no
mercado internacional"



ARMANDO VIEIRA NETTO:
"É indispensável uma política
cambial realista"

vencidos hoje em dia de que realmente todos os mercados são vasos comunicantes - analisa. Não adianta olhar exclusivamente para o mercado doméstico ou exclusivamente para o mercado externo. Se houver uma queda acentuada no mercado internacional, temos de encontrar uma outra alternativa e ela só poderá ser o mercado doméstico."

Embora o setor como um todo tenha sentido, mesmo que por pouco tempo, os desdobramentos da conjuntura internacional, algumas empresas, no entanto, em função das características de seu produto, conseguiram conduzir seus negócios sem maiores sobressaltos. É o caso da Companhia de Celulose da Bahia. "Na colocação de nosso produto, a celulose de sisal, não esperamos reflexos negativos no mercado externo - explica Alberto dos Santos Abade, presidente da empresa. Este é um produto de aplicação específica, que substitui e concorre com fibras têxteis como o linter de algodão e o cânhamo, cujos preços são bem mais elevados que o nosso."

Mesmo tendo como certa a possibilidade de desatar completamente os nós que amarram nossas exportações, alguns analistas insistem que, caso volte a ocorrer e persista uma valorização do dólar, há o risco de uma guerra comercial que fará maiores estragos do que fez nos anos 30. Os comerciantes contam seus custos em dólar e um dólar caro acabará machucando muitos deles.

Tendo em vista esta possibilidade, o presidente da Cenibra considera indispensável que os métodos de atuação sejam aperfeiçoados. Na sua opinião, cada fabricante deve procurar racionalizar e economizar em quaisquer custos e a indústria nacional do setor deve evitar uma concorrência inútil entre si nos vários mercados. "Ao contrário - frisa - todos deverão procurar fórmulas cooperativas que promovam o lucro de cada um e o lucro do setor nacional. Podemos citar como exemplo de cooperação, o fretamento conjunto de navios na exportação para um mesmo mercado, visando a baixar o custo de fretes."

Independentemente da formação desse *pool*, o presidente da Abecel vê "a necessidade de se adotar uma política cambial realista, que mantenha o cruzeiro dentro de uma paridade adequada, tomando como referência uma cesta de moedas dos principais parceiros comerciais do País." Segundo ele, essa medida é essencial para minorar os efeitos negativos da valorização da moeda americana e a retirada dos incentivos das exportações brasileiras. "Devem-se evitar práticas econômicas artificiais e discricionárias para impedir que a economia brasileira se estruture sob bases falsas" - acrescenta.

A BASTECIMENTO — Essa diferença entre a cotação da celulose no mercado externo e interno, no momento em torno de 25%, tem

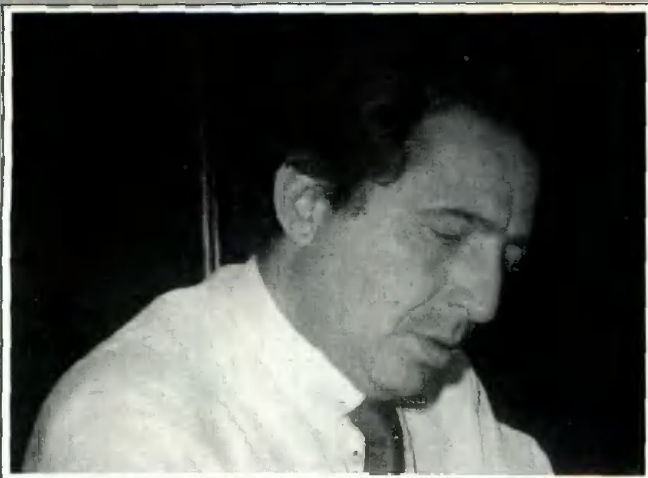
gerado uma preocupação constante. Como os preços lá fora são mais atraentes, é natural que os produtores tendam a concentrar suas baterias nessa área, com o risco de deixar o mercado interno desabastecido. Apesar da lógica, isso, no entanto, não tem acontecido. "Reafirmo minha posição de que o mercado interno deve ter prioridade absoluta - ressalta Boris Tabacof, diretor da Companhia Suzano de Papel e Celulose. Acontece que, já neste primeiro semestre, quando entrar em operação sua máquina B8, a Suzano não terá mais celulose, nem para o mercado interno nem para exportação. Esse fato, é óbvio, deve ser levado em consideração no planejamento das empresas."

Raul Calfat ressalta também que, "apesar de todo o transtorno de mercado em termos de preço, o setor tem demonstrado maturidade suficiente para equilibrar a oferta e a demanda, através de um entendimento".

Quanto a este aspecto, Ruy Haidar, diretor da Fábrica de Papel Santa Terezinha, uma das empresas não-integradas, acrescenta: "O problema de suprimento sempre nos preocupou, mas ele agora está sendo equacionado no âmbito da ANFPC".

Buscando, no entanto, reduzir mesmo que parcialmente, a dependência de fornecimento, a Santa Terezinha colocou em operação no início de 85 uma unidade de aparas com capacidade de produção de 80 toneladas diárias, inclusive com

Crescer com os novos tempos é uma convicção



LENOMIR TROMBINI:
"Operamos em 84 próximos de nossa capacidade instalada"



RAUL CALFAT:
"As metas de exportação continuarão sendo cumpridas"

condições de branqueamento, o que permitirá substituir celulose branqueada.

O diretor da Gordinho Braune Ltda. Indústria de Papel, João Bignardi Netto, também garante que "não existe preocupação, já que o setor está bem mais maduro e há um bom diálogo entre produtores e consumidores." Além disso, ele considera que, na medida em que há um aumento de celulose, o Conselho Interministerial de Preços - CIP - permite repassar esse aumento para o custo do papel, tornando possível conseguir um equilíbrio. "No custo final do papel, a celulose representa 56%, mas como os reajustes de preços são automáticos, não surgem problemas - explica Bignardi. Se o preço da celulose no mercado interno subisse e houvesse uma queda no preço do papel na exportação, aí sim, haveria um achatamento. Se pagássemos um preço x pela celulose e vendêssemos nosso produto lá fora por 2 x e, de repente, esse preço caísse para 1 x e meio, a questão se agravaria."

Essa situação de maturidade atingida pelo setor deve ser mantida, na opinião de suas lideranças. "Não podemos deixar que haja crises - afirma Boris Tabacof. Os preços artificialmente baixos hoje existentes podem conduzir a distúrbios, mas o setor deverá demonstrar sua noção de abastecimento e, acima de tudo, reivindicar um balanceamento de preços mais adequados."

MEDIDAS URGENTES — As empresas semi-integradas, embora demonstrem uma certa preocupação, não vêm acusando maiores dificuldades. "A pouca disponibilidade de matéria-prima e com alto custo causou uma relativa inquietação à Facelpa - Fábrica de Celulose e Papel", segundo seu diretor-presidente, Lenomir Trombini. Apesar disso, a empresa operou próximo de sua capacidade instalada, o que representa um crescimento de produção de 4% em relação a 1983. Já no que diz respeito à colocação de seus produtos no Exterior, a Facelpa foi obrigada a rever suas metas. "Nossa previsão se posiciona atualmente em torno de 50% da quantidade exportada em 1984, o que com certeza fará com que nossa empresa venha a se afastar de mercados que foram conquistados anteriormente com grandes dificuldades - avalia Trombini. Esta previsão pessimista só será alterada caso medidas urgentes de ordem fiscal e monetária venham a ser tomadas pelas autoridades governamentais."

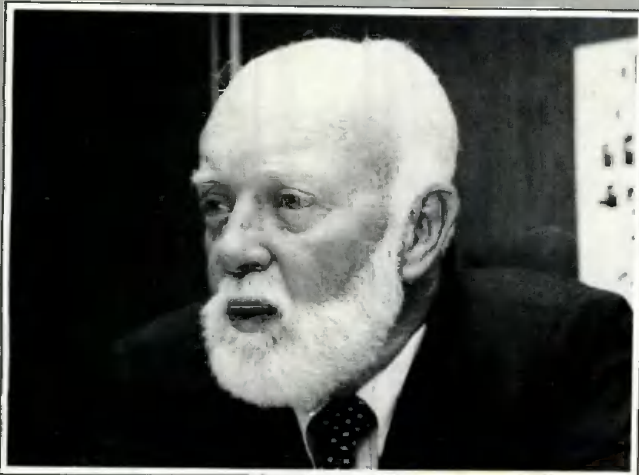
A Pirahy, outra empresa semi-integrada, considera que 1984 representou um período positivo, com as máquinas de papel, de revestimento, a fábrica de celulose especial e toda a estrutura de acabamento de produtos atingindo um excelente nível de eficiência. Seu principal centro de atenção esteve relacionado com o equilíbrio entre os mercados externo e in-

terno. "Tivemos dificuldades em conciliar o impulso de exportação com a necessidade de manter e atender os compromissos comerciais com o mercado interno - afirma Antonio Carlos Araújo, presidente da empresa. A superação desses problemas não foi fácil e tivemos de lutar muito para não perder a posição interna, enquanto expandíamos nossas vendas no Exterior."

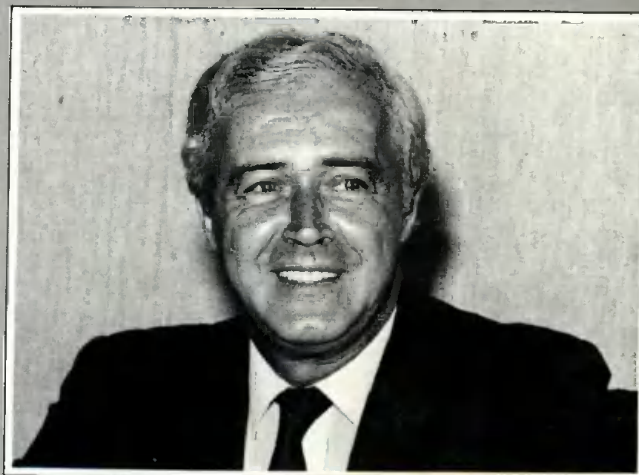
Numa análise do inter-relacionamento do mercado interno e o externo, a Cenibra projeta sua preocupação um pouco além: "Os acordos de abastecimento do mercado interno com preços reprimidos não são suportáveis por mais um ano e os produtores de celulose não poderão conviver com o problema interno e os atuais preços internacionais. A saída será abastecermos as fábricas nacionais de papel, mas com preços mais atraentes, formados no próprio mercado. Esta será a solução normal, duradoura, de economia de mercado livre, onde prevalece a lei fundamental da oferta e da procura."

ESSE posicionamento coloca em cena, mais uma vez, o CIP, velho personagem muito conhecido dos produtores de celulose. Ainda no início de abril último, o Governo mostrava mais uma vez que vai exercitar com rigor e rigidez uma política de controle de preços industriais e de produtos alimentícios, com a intenção de reverter de vez

O mercado interno continua sendo a prioridade absoluta



JOHN WARREN:
"Qualquer controle de preços
inibe novos investimentos"



RICARDO FIGUEIREDO:
"Há sinais concretos de estabilização
no mercado externo"

o processo inflacionário. "Medidas irrealistas de controle de preços podem levar ao total desequilíbrio do mercado, conduzindo a altos índices de elevação de estoques ou mesmo à falta temporária do produto" - afirma Osmar Zogbi.

Está reaberta uma vez mais a controvérsia acerca da eficácia desse instrumento no controle da inflação. "Se o CIP resolvesse problemas de inflação, não estaríamos batendo recordes constantes nesse campo - contesta Boris Tabacof. É apenas mais um artificialismo, pois eles podem efetuar novamente um represamento temporário de preços, mas as leis da economia vão se sobrepor e a inflação recrudescerá."

A recarga inesperada dos blindados do CIP estabelece agora novos critérios para efeito de cálculo nos novos preços dos produtos controlados, segundo os quais os custos fixos de produção somente poderão ser reajustados em 80% da variação da ORTN durante um prazo mínimo de 90 dias. Esse fogo-cerrado, na avaliação de representantes do setor, revela um instrumento de política econômica que viola os postulados da economia de mercado. Induz, sobretudo, após uma aplicação prolongada, a distorções nos mecanismos de produção e comercialização e geralmente os custos represados extravasam nos preços, quando liberados.

"Contínuo achando que qualquer controle de preço é em detrimento a futuros investimentos, uma vez que um in-

dustrial quando se propõe a fazer um produto, ele baseia as suas previsões de investimento no produto e no retorno sobre a venda, baseado em condições de mercado e não sobre as condições de um preço congelado ou controlado" - enfatiza John Warren. No seu entender, é o mercado que tem de nivelar a condição de concorrência, ainda mais de produtos que, segundo ele, são praticamente *commodities*. "Qual a diferença entre um papel branco de um produtor e de outro, se eles têm características semelhantes, imprimem bem, etc.?" - questiona. Então, estamos falando de *commodities* como cacau, café ou cereais e o que faz os preços internacionais de *commodities* é o mercado."

Ao considerar o problema, Osmar Zogbi pondera que, embora o CIP tenha permitido repassar os custos em 84, há ainda uma defasagem anterior que não foi possível recuperar.

"Assim sendo, não chegou a ser remunerador para quem investiu, por exemplo, num projeto completo de produção de celulose de 500 toneladas diárias que, a um custo de implantação de US\$ 600 mil por tonelada, requer um investimento de US\$ 300 milhões, diz Zogbi. Vamos buscar de todas as formas o repasse de nossos custos e recuperar aquele delta que perdemos há dois anos e que representa de 20 a 25%, para que possamos investir e continuemos implementando nosso programa de apoio social ao trabalha-

dor."

A expectativa de Raul Calfat quanto ao problema é que o novo Governo venha a reconhecer esta defasagem de preços. "Este foi um dos setores que mais investiu nos dois últimos anos, mesmo com a recessão econômica - coloca. Acreditamos na recuperação do mercado, investimos no aprimoramento dos equipamentos e, então, não é justo que continuemos a ter nossos preços reprimidos, comprometendo o retorno projetado sobre estes investimentos."

Os diretores da Riocell também são incisivos: "Faremos diversas gestões junto ao CIP e à Seap, bem como àqueles de quem emanam as políticas econômica e industrial, no sentido de procurar através do preço incentivar esse segmento, que contribui positivamente com a balança comercial brasileira em mais de US\$ 800 milhões anuais." E alertam: "Há necessidade de que os órgãos governamentais de controle de preços adotem uma política realista de aumentos, de forma a não descapitalizar o setor."

ESSA insistência do Governo em manter o pé no freio dos preços da celulose não incentiva novos investimentos e projeta cenários não muito otimistas para o futuro. Armando Vieira Netto, por exemplo, revela que a preocupação maior não é com o que acontecerá em 1985, mas sim nos próximos anos. "A esperada retomada do de-



RUY HAIDAR:
 "O problema de abastecimento
 tem causado preocupação"



JOÃO BIGNARDI NETTO:
 "Temos hoje um bom diálogo entre
 produtores e consumidores"

envolvimento econômico brasileiro acarretará um aumento no consumo de papel e, por conseguinte, de celulose - raiocina. Com os preços aviltados e a perspectiva de que a participação das vendas domésticas no faturamento dos fabricantes de celulose cresça, não haverá justificativa para a implantação de novas unidades, o que implicará na perda de mercados externos duramente conquistados."

A questão, nos contornos atuais, causa realmente inquietação, pois as empresas que estão operando há algum tempo, já têm suas áreas florestais, e o investimento industrial, de certa forma, já sofreu uma depreciação, o que possibilita investir em aumentos de produção, enquanto novos empreendimentos são impraticáveis. "Esse problema do retorno sobre o investimento há muito tempo vem sendo discutido com o Governo - destaca John Warren. Nos preços atuais, não se pode pensar na implantação de novas unidades industriais num setor de capital altamente intensivo."

Enfrentando também de forma realista a contróvertida questão, Osmar Zogbi lembra que é preciso remunerar bem o capital para continuar investindo, mas se esbarra no problema de não existir uma política de desenvolvimento definida e aprovada no Brasil e, mais especificamente, para o setor de papel e celulose. "Temos terra suficiente, temos tecnologia e nosso objetivo é fazer um plano de

desenvolvimento setorial e conseguir que o Governo compreenda a situação e nos permita buscar as formas de operacionalizar esse programa" - enfatiza. Nesse sentido, Boris Tabacof acrescenta: "O que as forças produtivas da Nação esperam com a Nova República é a definição de um ambicioso programa de desenvolvimento industrial, criando as bases de novos patamares para a economia brasileira, que já é a oitava do mundo". Para ele, "é necessário criar um novo clima estimulante dos investimentos privados, através da capitalização das próprias empresas, premiando-se o reinvestimento dos recursos por elas gerados."

ALTERNATIVAS VIÁVEIS - Enquanto isso não ocorre, alguns representantes do setor consideram que a saída para contornar a insuficiente remuneração da indústria de celulose talvez seja concentrar esforços em aumento de produtividade. John Warren, no entanto, acredita que, de um modo geral, as indústrias devem ter atingido, durante o ano de 84, o maior nível de produtividade da última década. "Dificilmente os índices poderão ser melhorados, porque este é um tipo de indústria que trabalha 24 horas por dia e haverá sempre a necessidade de paralisação temporária para a manutenção preventiva" - observa ele.

Diante das limitadas possibilidades de novos investimentos, um estudo elabora-

do pela ANFPC, juntamente com o BNDES, ressalta que "assume grande importância a introdução de inovações, como, por exemplo, maior uso de pastas de alto rendimento e elevação dos teores de cinza e umidade na fabricação de papéis, visando a liberar a escassa celulose, de maior preço de venda, para a exportação."

A Companhia Melhoramentos de São Paulo estuda o assunto desde 1973 e, a partir de 1982, iniciou a utilização dessa alternativa com grande êxito. "Já foi demonstrado internacionalmente que a pasta de alto rendimento é uma solução, porque é uma matéria-prima cujo custo de investimento é inferior e pode perfeitamente substituir a celulose química numa série de aplicações" - afirma Murilo Ribeiro de Araújo, diretor da empresa (ver quadro na pág. 20).

Para se ter uma idéia da viabilidade de projetos dessa natureza, uma nova fábrica de pastas de alto rendimento para uma produção de 300 toneladas por dia, num local sem infra-estrutura nenhuma, representaria um investimento da ordem de US\$ 60 milhões, enquanto no caso da celulose química esse investimento será superior a US\$ 200 milhões.

Na busca de roteiros capazes de contornar as barreiras formadas pelos altos custos de investimentos, as elevadas taxas internas de juros e o baixo retorno do capital investido, as empresas estão estudando a hipótese de proceder à abertura

A PLANTAÇÃO DO SEU VIZINHO USA ADUBO AMARELINHO

Gran-Sol é um adubo especial, produzido com exclusividade para você, com tecnologia própria e sob o rigoroso controle de qualidade Manah. Sempre soltinho, seco e de granulação uniforme, facilita a aplicação. Gran-Sol contém, entre seus nutrientes,

também o cálcio móvel e o enxofre assimilável. Proporciona às plantas raízes mais profundas, que aproveitam melhor os nutrientes da adubação e a água do subsolo, dando à sua plantação maior resistência à seca e alta produtividade.

Adubando com Gran-Sol - o "adubo amarelinho" da Manah - você também não pára de contar sua produção... e seus lucros!

PRODUZ 1, PRODUZ 2, PRODUZ 3, PRODUZ 4, PRODUZ 5 ...

GRAN-SOL

com **MANAH**
adubando dá! 





BORIS TABACOF:

"O setor deve reivindicar um balanceamento de preços mais adequados"



OSMAR ZOGBI:

"Medidas irrealistas podem levar ao total desequilíbrio"

de capital como forma de buscar recursos financeiros mais compatíveis. É o caso, por exemplo, da Ripasa, que recentemente teve suas ações colocadas na Bolsa. "Entendemos que para um segmento da importância do nosso, que requer capital intensivo para novos investimentos, a fórmula mais adequada é mesmo o mercado de capitais" - afirma Osmar Zogbi.

REFLORRESTAMENTO — Além desse aspecto, para abrir brechas no cerco recessivo e manter conservadas as células vitais do tecido produtivo, é necessário eliminar ou contornar outras ameaças já identificadas no documento da ANFPC sobre as perspectivas do setor. Uma das mais sérias é "o acelerado processo de escassez e elevação do preço da madeira nas regiões de consumo, para o que contribui em muito o fim da atual política de incentivo de reflorestamento, fazendo-nos antever que faltará base florestal para novos projetos de porte." E a partir da implantação de programas de substituição de derivados de petróleo, o setor tem sido obrigado a conciliar a utilização da madeira como insumo e como substitutivo energético, o que não tem sido fácil, devido à falta de uma política de reflorestamento mais realista.

As diversas ações empreendidas pelo setor visando à conservação e substituição de derivados de petróleo resultaram,

no período entre 1979 e 1984, numa redução de 57,4% no consumo de óleo combustível e num aumento na utilização de combustíveis alternativos, principalmente biomassa, de 331,6%, o que evidencia a necessidade de ampliação das áreas florestais, segundo informações de Benjamin Solitrenick, coordenador do GT-3/Energia. "A atual política do IBDF não é satisfatória - frisa Osmar Zogbi. São Paulo está consumindo 30 mil hectares por ano de eucalipto, e teve, nos últimos anos, incentivos para apenas 10 mil hectares. Com isso, o parque florestal está diminuindo e nosso setor tem procurado equilibrar a situação através de recursos próprios e financiamentos". E prossegue: "O que nos preocupa é que dados estatísticos mostram que, alguns segmentos que anteriormente utilizavam óleo combustível para geração de vapor, hoje estão consumindo madeira e por falta de conhecimento da real situação florestal atualmente consomem maior volume de madeira que o real plantio."

John Warren chama também a atenção para o fato de que a possibilidade de aplicação de partes do Imposto de Renda foi sucessivamente cortada e que, atualmente, o reflorestamento através de incentivos não é mais interessante. "Se houver outras formas de incentivo, será possível agilizar o processo e aumentar a rapidez necessária para a ampliação das áreas. Vamos ver agora se com o novo Governo haverá alguma mudança nessa

política."

Nesse sentido, o estudo elaborado pela ANFPC sugere "um Programa Especial de Apoio ao Reflorestamento, envolvendo responsabilidades das empresas beneficiárias com a execução de projetos consumidores de matérias-primas fibrosas, seguindo planos-diretores previamente aprovados."

EXPANDIR A ECONOMIA - Diante desse elenco de dificuldades e expectativas plenamente identificadas o setor espera melhores cartas para que possa prosseguir no jogo sem riscos desnecessários. Acostumados a acompanhar o comportamento errático do Governo em relação às suas decisões, os empresários postam-se agora em atitude de espreita. "As contínuas mudanças de política econômica e a inexistência de uma política industrial no País tem dificultado sobretudo a formulação do planejamento industrial" — tem reiterado Armando Vieira Netto.

Os representantes do setor não deixam, entretanto, de se mostrar otimistas quanto às possibilidades de se varrer da paisagem os ventos da famigerada recessão e de, finalmente, ver equacionado o velho binômio que engloba as necessidades de conter a escalada inflacionária e de expandir a economia. "Nos próximos anos o mercado interno vai crescer, ninguém o segurará" - acredita

Quem mantém produção plena, na certa é cliente da Guaçu.



A Produtos Químicos Guaçu tem sete endereços para atender a demanda de sulfato de alumínio das indústrias fabricantes de papel no Brasil. Através da fábrica de Mogi-Guaçu, onde está localizada a maior capacidade instalada do País, foram desenvolvidos os mais variados métodos para o aprimoramento da qualidade do seu produto, matéria-prima fundamental para o tratamento de água industrial, fabricação de papel e celulose, saneamento e outras aplicações. Atuando através de vendas diretas aos seus clientes, a Guaçu mantém entrega imediata para qualquer pedido, graças ao seu estoque de matéria-prima, que lhe permite mais de 60 dias de produção plena. Hoje, produzindo vários tipos de sulfato de alumínio, nas formas sólida e líquida, a Guaçu, além de atender as grandes indústrias de celulose e papel do País, leva para o Exterior a qualidade que a transformou em líder genuinamente nacional do mercado brasileiro. Por isso, para os clientes da Guaçu, a produção de papel vai muito bem, obrigado. E para a sua empresa?

EMPRESAS DO GRUPO:
ALUMINAL QUÍMICA DO NORDESTE LTDA. (Fábrica 1)
Via Periférica II, n.º 2485 -
Centro Industrial de Aratu
Fone: 594.9068 - Telex (071) 2467
Cep 43.700 - Simões Filho - BA

ALUMINAL QUÍMICA DO NORDESTE LTDA. (Fábrica 2)
Estrada de Pirapama, km 01
Fones: 521.0779 / 521.0734 -
Telex (081) 1957
Cep 54.500 - Cabo - PE

SULFAGO SULFATOS DE GOIÁS LTDA.
Distrito Agro-Industrial de Anápolis, módulo 12 - Quadra 02
Fone: (062) 324.6814
Cep 77.100 - Anápolis - GO

SULFAPAR SULFATOS DO PARANÁ LTDA. (Fábrica 1)
Estrada da Graciosa, n.º 2266 -
(Bairro Florestal)
Fone: (041) 772.1274
Cep 83.420 - Quatro Barras - PR

SULFAPAR SULFATOS DO PARANÁ LTDA. (Fábrica 2)
BR 376 - Rodovia do Café,
km 211 (Imbau)
Fone: (0422) 78.1136
Cep 84.260 -
Telémaco Borba - PR

SULFATO CATARINENSE LTDA.
Bairro dos Índios.
Cep 88.500 - Lages - SC

PRODUTOS QUÍMICOS
Guaçu
INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Fábrica - Estrada Guaçu - Estiva,
km 07 - Mogi Guaçu - SP
Fones: (0192) 61.0838 / 61.1655
Administ. e Vendas: Rodovia
Campinas a Aguas da Prata,
km 59 - Mogi Guaçu - SP
Fones: 61.0097 / 61.1761
Telex: (019) 2320 PQGEBR
Vendas: Rua Carnot, 688
1.º andar - São Paulo - SP
Fone: 229.9631 - Tronco-chave)

Boris Tabacof.

O setor está realmente convicto de que, demonstradas as possibilidades e a disposição, seu crescimento dependerá diretamente das atitudes sócio-político-econômicas a serem assumidas pelo Governo Federal, no período que se inicia agora, em 1985.

Esse clima de confiança pode ser perfeitamente sintetizado na forma como Boris Tabacof encerrou um artigo recentemente publicado na imprensa, no qual ele analisava as expectativas quanto à Nova República: "O País encontra-se, hoje, no limiar de uma nova etapa histórica.

Devemos saudar os novos tempos com uma palavra de otimismo e de fé, afastando os maus agouros daqueles que se esquecem do Brasil real, das fábricas e dos campos, onde os brasileiros lutam, dia-a-dia, pelo progresso social e econômico. Para estimulá-los é que devem ser destinadas as novas formulações."

MURILO DE ARAÚJO:

"Já foi demonstrado internacionalmente que a pasta de alto rendimento é uma solução"



BONS RESULTADOS COM PASTAS DE ALTO RENDIMENTO

OS ELEVADOS volumes de investimentos necessários para a implantação de uma nova unidade de celulose química, levaram a Companhia Melhoramentos de São Paulo a sondar trilhas alternativas, capazes de reduzir a dependência no fornecimento de celulose. E foi a partir de uma cuidadosa avaliação que ela acabou optando pelas pastas de alto rendimento.

Até então, a empresa contava com uma fábrica de celulose sulfite, com capacidade de produção de 70 toneladas por dia e que fornecia a matéria-prima para a fabricação de alguns tipos de papéis, como pergaminho, opaline, etc. "Tínhamos, no entanto, problemas de poluição e o que teríamos de gastar para adequar a fábrica às exigências, não compensava" - explica Murilo Ribeiro de Araújo, diretor da Melhoramentos.

A mudança era inadiável e, embora a empresa já viesse estudando desde 1973 a viabilidade de utilização da pasta de alto rendimento, antes da decisão final, passaria ainda por uma rápida experiência com pastas termomecânicas. Finalmente, concluiu-se pela pasta de alto rendimento, hoje uma tendência mundial.

"No caso da Melhoramentos, o investimento foi muito baixo - diz Murilo. Como era a primeira fábrica na América do Sul, houve uma concorrência muito grande em termos de fornecedores de equipamentos e, assim, conseguimos implantar uma unidade de 100 toneladas diárias com um investimento da ordem de US\$ 10 milhões". Iniciando suas operações em 1982, essa fábrica passava a ser a ter-

ceira do mundo a utilizar essa matéria-prima (a primeira foi inaugurada em 1978). Os bons resultados atingidos estimularam os empresários finlandeses a implantar duas fábricas em seu país, da mesma forma que no Canadá surgiram mais duas, o que deu início à escalada desse tipo de aplicação.

No processo de escolha da matéria-prima a ser utilizada, não só o baixo custo do investimento pesou na decisão da Melhoramentos. As pastas de alto rendimento são interessantes também, por exemplo, quanto ao aspecto de preservação do meio-ambiente: enquanto numa fábrica de celulose química consegue-se um rendimento da madeira em torno de 45%, sendo os 55% restantes nos efluentes poluidores, numa unidade que emprega pasta de alto rendimento, o aproveitamento da madeira varia de 92 a 96%, fazendo com que a liberação nos efluentes chegue no máximo a 8%.

Outra vantagem da aplicação prende-se ao fato de que as fábricas que utilizam pastas de alto rendimento necessitam de óleo combustível ou de vapor até um certo ponto. Depois de acionada, ela entra num processo auto-regenerativo e a própria instalação transforma a energia elétrica em vapor e, com isso, passa a dispor da energia necessária para todo o processo.

ANTES DA NOVA unidade entrar em operação, a Melhoramentos era auto-suficiente em termos de celulose, mas para um tipo de papel absorvente que fabricava, a empresa dependia de 42 fornecedores de pasta mecânica. Um dos objetivos, então, era a conquista da plena auto-suficiên-

cia. "Hoje ainda compramos um pouco de celulose fibra curta, mas nossa intenção é continuar integrando e reduzir essa dependência" - explica Murilo.

A celulose fibra curta utilizada na fabricação de papéis mais sofisticados poderá, gradativamente, ser substituída pela pasta de alto rendimento. "Nos papéis folha-simples de alta qualidade já estamos usando uma dosagem de pasta de alto rendimento e pretendemos fazer o mesmo com as toalhas domésticas totalmente brancas" - diz o diretor da Melhoramentos. Para se avançar no processo, Murilo considera vital uma mudança nos hábitos de consumo, que permitirá, inclusive, "evitar absurdos hoje existentes como o de fabricar formulários contínuos com 100% de celulose química, ou seja, empregar uma matéria-prima de custo mais elevado para produzir um papel que se usa uma vez e se joga fora."

Os objetivos da Melhoramentos não param aí. "Queremos transformar a nossa fábrica também num centro de pesquisas e, aliás, duas experiências já foram realizadas para o Canadá" - conta Murilo. E, numa rápida síntese, dá uma visão dos planos da empresa: "Gostaríamos de auxiliar no desenvolvimento de pastas de alto rendimento no País porque acreditamos nessa matéria-prima. Nosso objetivo é manter uma tecnologia de ponta nessa área, incrementar nossa produção, achar novas aplicações e integrar mais essa matéria-prima na fabricação dos nossos papéis. A pasta de alto rendimento é a grande solução para o Brasil."

NOSSO PRINCIPAL PAPEL É MELHORAR O PAPEL DOS OUTROS

Você sabe: papel para ser bom precisa usar caulim de qualidade. E a qualidade do caulim da Caolinita é garantida pela sua tecnologia: a mais avançada do setor. Com infra-estrutura aperfeiçoada ao longo de 30 anos de atividades, a Mineração Caolinita, hoje, é a maior

fornecedora de caulim branco especial com malha de 325 meshes, para a utilização na indústria de papel de imprimir e escrever. Nas jazidas do Quebra Coco e do Ubari, no município de Ubá, MG, as suas reservas garantem uma produção ininterrupta de 2.500 tmês, com operação assegurada

por mais um século, mantendo sempre um elevado padrão de homogeneidade no seu produto. A Champion, a Simão, a Pirahy, a Santa Maria, a Ripasa, entre outras indústrias do setor, já usam o caulim da Mineração Caolinita. Isso dá a certeza de que ela está cumprindo bem o seu papel.

Características do caulim que a Mineração Caolinita produz:

FÍSICAS

Alvura alta	≥ 85° GE
Alvura baixa	≥ 82° GE
Resíduo 200 meshes	≤ 0,08%
Resíduo 325 meshes	≤ 0,5%
Sedimentação 120 min.	25 a 60 ml mínimo
Absorção	15 ml H ₂ O/15 gr mínimo
Ph	3,0 - 4,5
Umidade	≤ 6%

QUÍMICAS

SiO ₂	42,8%
Al ₂ O ₃	41,2%
Fe ₂ O ₃	0,19%
TiO ₂	< 0,05%
CaO	< 0,05%
MgO	< 0,03%
Na ₂	< 0,01%
K ₂ O	0,22%
PF	14,32%

GRANULOMÉTRICAS

(Diâmetro das partículas)

30 μ	95,7%
20 μ	87,5%
10 μ	64,9%
5 μ	42,2%
2 μ	20,5%

MINERAÇÃO CAOLINITA LTDA

Autorizada a funcionar como Empresa de Mineração pelo decreto nº 35.417 de 29.04.1954

Fábrica Ubá:
Av. Pe. Arnaldo Jansen, 190
Tel.: (032) 532-2133
CEP 36500 Ubá - MG

Vendas Jundiaí:
Rua Bernardino de Campos, 40
4º andar - conj. 46/47 - Tel.: (011) 436-5997
CEP 13200 Jundiaí - SP

SEGMENTO DE PAPEL DE IMPRIMIR E ESCREVER

MOVIMENTO DE EXPORTAÇÕES SUPERA AS EXPECTATIVAS

“ESTE ano continuará bastante favorável à exportação de papel para imprimir e escrever”. A afirmação do diretor-comercial das Indústrias de Papel Simão S/A e coordenador do Grupo de Trabalho de Comércio Exterior da ANFPC, Raul Calfat, revela o otimismo do setor, que desde o último trimestre de 84 vem desenvolvendo o programa de exportação para este ano. Para o segmento de papel de imprimir e escrever, está prevista, inclusive, uma elevação da exportação em 85.

“No ano passado, colocamos 340 mil toneladas no mercado externo. Para este ano, prevemos a exportação de 380 mil toneladas”, afirma Osmar Elias Zogbi, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose (APFPC) e diretor-superintendente do Grupo Ripasa. Esse aumento de volume, se dá, segundo Raul Calfat, também “em função do fato de que os produtores de papel para imprimir e escrever estão com os canais de comercialização no Exterior extremamente diversificados e muito bem posicionados”. Além disso, ressalta Calfat, o recente aumento do preço do papel em 10% nos EUA, praticado a partir de maio, revela o reinício de uma tendência ascendente em termos de preços nos mercados exteriores, visto que esta elevação deverá se propagar para outros mercados”.

Uma das razões que permitiu o aumento de competição na Europa, nos países africanos e no Extremo Oriente, foi a desvalorização do dólar, na primeira dezena de abril, o que afetou sensivelmente o mercado exportador. “O Brasil representa 50% das exportações dos países do mundo e é o maior exportador mundial. Essa participação preponderante está consolidada, devendo manter-se nos próximos anos”, garante Osmar Zogbi.

Com presença em praticamente 50 países, inclusive EUA, que representaram 26% do volume exportado em 1984, o setor, dentro das previsões de seu programa de exportação, fechou contratos significativos no Exterior. O mais recente foi firmado com a Nigéria, através do sistema *counter trade* (troca

de mercadorias), e atingirá, até o final do ano 70 mil toneladas de papel, quantidade bastante expressiva no mercado. Além disso, a ANFPC passa a contar também com o crescimento de demanda na América Latina. “Primeiro, porque não há mais o mesmo estrangulamento em termos de balanço de pagamento, como existia no ano passado - explica Calfat, e segundo, porque está ocorrendo, efetivamente em função desse reaquecimento de débito, um crescimento do consumo de papel, produto que apresenta correlação com o PNB”. Como a maior parte dos países da América Latina são importadores de papel, ocorrerá, fatalmente, um aumento das exportações este ano. Calfat ressalta também que o setor conta com novos mercados, entre os quais se destaca a China, que já está fechando alguns contratos, dentro de um programa de importação bastante significativo.

Embora os papéis brasileiros mantenham essa competitividade no mercado externo e haja uma firme convicção de se concretizar plenamente o programa de exportação, as atenções com o mercado interno não são desviadas. Um aumento da demanda interna já foi detectado e sua ocorrência vem sendo atribuída, principalmente, à expansão dos segmentos ligados à informática, que estão crescendo a níveis muito superiores ao produto nacional bruto.

“Se esse crescimento interno continuar na proporção do primeiro bimestre, quando havia sido projetado um aumento na ordem de 8,5% e ele acabou chegando a 15%, nós teremos que reduzir nosso programa de exportação para este ano, já que a prioridade dos produtores de papel de imprimir e escrever, logicamente recai sobre o mercado interno, avalia Calfat. É possível até, que tenhamos de reajustar este número projetado para exportação”.

MAIOR PROBLEMA - Em qualquer setor de atividade, a ineficiência encarece. Essa velha regra do mundo dos negócios, quando aplicada à questão dos custos portuários, pode ainda ser facilmente confirmada pelos exportadores, que encontram no custo

da manipulação da carga, um fator que onera exageradamente os custos.

O porto de Santos por deficiências estruturais, como a concessão de uso dos armazéns mais próximos ao cais para a importação ao invés de para a exportação, contribui para encarecer o produto brasileiro.

“O custo da capatazia, transporte de ponta (do armazém até o cais) e estiva, no porto de Santos situa-se em torno de US\$ 22, enquanto em outros países ela varia entre 3 e 10 dólares - explica Raul Calfat. Só aí, estamos perdendo uma média de 15 dólares por tonelada, o que representa cerca de 3% do custo do produto”.

Preocupado com o assunto, Calfat vem estudando uma forma de propor à CODESP a implantação de um terminal prioritário para papel, com equipamentos adequados para agilização da manipulação da carga, numa tentativa de reduzir os custos operacionais. Uma outra maneira de reduzi-los é através da realização de “pool” de exportação.

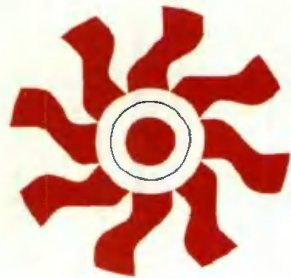
“Eu acho a idéia viável”, afirma Zogbi. Temos buscado realizar exportações conjuntas, já que o Estado de São Paulo detém, hoje, 80% da produção de imprimir e escrever e são quatro grandes empresas que fazem essas exportações”. O primeiro grande negócio em forma de “pool” foi com a Nigéria, quando houve a colaboração da Cotia Trade, realizando-se um primeiro embarque, entre março e abril, em torno de 15 mil toneladas.

“Esperamos exportar este ano, só através da Cotia, para a Nigéria, entre 50 a 60 mil toneladas. Isso obviamente reduz os custos porque conseguimos fretes mais baratos, lotando navios somente com papel”, explicou.

A boa qualidade do papel brasileiro e o menor custo fazem com que o Brasil mantenha sua posição de maior exportador no “ranking” mundial. E desde a recessão em 82, os produtores de papel se preparam para fornecer, tanto para o mercado interno quanto para o externo. “Esta é uma posição consolidada, que não muda mais. Por tudo isso, estou bastante otimista”, finalizou Osmar Zogbi.

GASA-GÖTAVERKEN

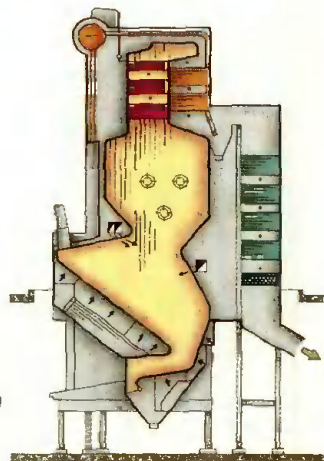
A CALDEIRA NATURAL E CIENTÍFICA



Energia Solar



Biomassa



Caldeira
GASA - Götaverken



Energia Térmica

O homem inventou o mais pesado que o ar observando um pássaro voando.

A nossa caldeira foi inventada observando-se a combustão da biomassa.

Através da fotossíntese, pela energia solar, a natureza monta a biomassa. A combustão é uma linha de desmontagem, liberando a energia.

De acordo com a natureza, uma biomassa antes de entrar em combustão, sofre uma secagem, seguida de uma volatilização de mais da metade do seu peso seco, remanescendo o carvão vegetal.

Na caldeira Götaverken, a biomassa entra lentamente em uma grelha inclinada, passando pelas seções de secagem, pirólise e carbonização. Entra, pois, um combustível sólido que é desmontado em dois: um gasoso - os voláteis - e um sólido - o carvão vegetal.

O ar de combustão, na caldeira Götaverken, é especializado conforme a natureza quer: tem o ar de secagem embaixo da grelha, tem o ar para os voláteis em cima da grelha e o ar do carvão embaixo da grelha.

A caldeira Götaverken possui uma câmara de combustão especialmente projetada para a queima eficiente dos dois

combustíveis. Nessa câmara conseguem-se os 3 Ts da boa combustão: Temperatura, Turbulência e Tempo de residência dos gases.

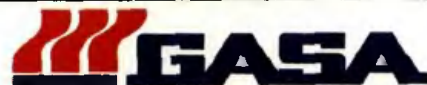
A caldeira Götaverken armazena dentro de si uma grande quantidade de combustível, estrategicamente seco e, portanto, com alto poder calorífico, pronto para entrar em ação com rápidas variações na produção de vapor.

Toda biomassa seca tem basicamente a mesma composição, assim como a caldeira Götaverken seca a biomassa antes da combustão, ela aceita biomassas heterogêneas; em várias dimensões; com muita ou pouca água; nova; velha ou que esteja no bagaço. A caldeira Götaverken tem bom coração, e os responsáveis pelas áreas de produção; utilidade; qualidade; expedição; finanças etc., dos nossos clientes já foram conquistados por ela. Os ecologistas também.

Também pudera, é uma caldeira certinha para a biomassa, combustão e cintura fina.

Uma tecnologia desenvolvida especificamente para um objetivo resulta em produtos eficientes e econômicos, com rápido retorno no investimento.

As caldeiras GASA/Götaverken fabricadas a partir de 20 t/vapor/h, aquecem a sua economia e a do Brasil também



GURGEL ARAÚJO INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.

Rua Maria Curupaiti, 441 - Tel.: (011) 290-4928
Telex: (011) 38464 - CEP 02452 - São Paulo - SP
Escritório - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 262-5728 e 262-6633
Fábrica - Resende - RJ - Tel.: (0243) 54-2755

O BRASILEIRO LÊ MAIS E REANIMA O MERCADO EDITORIAL

AO ATRAIR meio milhão de pessoas para folhear mais de 100 mil títulos representativos de 752 editoras do Brasil e do Exterior, em apenas 11 dias de duração, a 8ª Bial do Livro, realizada em São Paulo no mês de agosto de 84, demonstrou claramente que o brasileiro está ávido por livros: apesar da crise econômica, que reduziu drasticamente o poder aquisitivo da classe média, segundo alguns, ou justamente por causa dela, na opinião de outros, o mercado editorial mostra-se vigoroso. Exemplo disso são as vendas efetuadas no decorrer da Bial, que beiraram a casa de Cr\$ 1 bilhão.

Apesar deste espetacular desempenho, não resta dúvida de que no Brasil ainda se lê muito pouco livro: as edições, salvo honrosas exceções de obras de autores famosos como Jorge Amado, ou de livros didáticos, raramente ultrapassam os cinco mil exemplares, o que acaba por encarecer o produto. Soma-se a isso o fato de o País contar com apenas 900 livrarias - 90% das quais localizadas no eixo Rio-São Paulo, número inferior até ao registrado em um único bairro de Paris, o Quartier Latin, enquanto nos Estados Unidos elas chegam a 21 mil.

Para Caio Graco Prado, da Editora Brasiliense, cuja livraria situada no centro de São Paulo apresentou em 84 um crescimento de 7% no número de unidades comercializadas em relação ao ano anterior, "as épocas de crise são boas para a cultura." Na sua opinião, os jovens estão buscando soluções próprias e uma das alternativas é a leitura de livros, "já que a crise econômica mostrou a falência das gerações mais velhas em resolver os problemas."

Assim, a Brasiliense tem concentrado seus investimentos na edição de obras destinadas ao público jovem, contando hoje 909 títulos, incluídos os paradidáticos. Têm obtido boa receptividade as coleções "Primeiros Passos" e "Tudo é História", cujos livros, de dimensões reduzidas e poucas páginas, apresentam um custo atraente para o consumidor, com alguns títulos ultrapassando 30 edições.

Confiante na evolução do mercado de livros, Caio defende, como forma de reduzir o custo, negociar parte da tiragem



Meio milhão de pessoas passaram pela Bial 84

com o Governo, para ser destinada a escolas e bibliotecas públicas. "Essa seria a maior ajuda que as autoridades poderiam dar" - diz ele.

Opinião semelhante tem Alfredo Weizflog, diretor gráfico-editorial da Melhoramentos e vice-presidente do Sindicato Nacional das Editoras de Livros. "A democratização do livro se dá via bibliotecas - destaca - e ela não será atingida caso permaneça a atual política governamental de simplesmente comprar livros didáticos para distribuí-los aos alunos da rede oficial de ensino". Para ele, os volumes deveriam pertencer à escola e os alunos teriam acesso diário a eles, evitando-se assim o desgaste prematuro do material.

LIVRARIA AMBULANTE - O pequeno número de livrarias existentes - um dos pontos de estrangulamento na comercialização do livro - parecer ser a principal razão do sucesso alcançado pelo Círculo do Livro. Com tiragem de 950 mil exemplares e editada trimestralmente, a "Revista do Círculo", contendo os títulos e resenhas dos lançamentos, juntamente com os preços, é reme-

tida aos 800 mil sócios, que assim podem adquirir livros sem necessidade de se deslocarem até uma livraria. "Trata-se de um verdadeira livraria-ambulante", diz Esnider Pizzo, diretor-editorial e de marketing do Círculo, explicando que uma vez feito o pedido, ele é rapidamente entregue por um dos três mil vendedores ou, nas localidades não atendidas por eles, pelo Correio.

Com pouco mais de dez anos de existência, os títulos já editados chegam a mil, havendo 500 em catálogo. As tiragens vão de três a 50 mil exemplares. Esse último número se refere ao "livro do trimestre", que o sócio é obrigado a adquirir caso não compre pelo menos uma obra por mês.

Esnider considera que esta forma de comercialização já tem seu lugar garantido no mercado brasileiro, "apesar da pequena queda registrada na quantidade de livros vendidos aos associados". A tendência, segundo ele, é de reversão rápida, já que essa pequena retração originou-se no grande aumento sofrido pelo papel, em decorrência das exportações nos dois últimos anos, "ao pas-▷

Os melhores frutos do eucalipto.



A Aracruz criou mais de 5 mil empregos diretos no norte do Espírito Santo, onde estão suas florestas e fábrica de celulose. São engenheiros, tratoristas, pesquisadores, administradores e muitos outros profissionais, aos quais são oferecidas permanentes possibilidades de aperfeiçoamento. A alta qualidade da celulose Aracruz deve-se, principalmente, ao trabalho dessas pessoas.

Mas a política de pessoal da empresa não se limita às oportunidades de treinamento e acesso. Assistência médica e hospitalar, e um sistema de ensino de 1º e 2º grau são assegurados a todos os empregados e seus familiares.

A Aracruz também criou novas alternativas de progresso. A infra-estrutura montada para recebê-la estabeleceu condição para a implantação de novas indústrias na região, importante contribuição para a interiorização do desenvolvimento capixaba.

Além disso, a Aracruz, que produz anualmente 465 mil toneladas de celulose, é uma grande fábrica de divisas. Suas vendas ao exterior representam 158 milhões de dólares anuais, que a colocam entre os maiores exportadores brasileiros.



ARACRUZ CELULOSE S.A.
Raízes brasileiras do progresso.

Tecnologia ontem, hoje e amanhã

A "1001" reveste cilindros há quase 40 anos.
E tem hoje o maior Know-how acumulado no setor, em toda a América Latina.
Fornecendo a melhor solução técnica para todos os problemas que envolvem revestimentos de cilindros no processo de produção da indústria papelreira, alimenta este importante setor dentro dos mais rigorosos padrões de especificação, capitalizando sua experiência também para a pesquisa de novos produtos.
Uma postura de quem aproveita a experiência do passado para prestar o melhor atendimento no presente e garantir sempre um alto padrão no futuro.



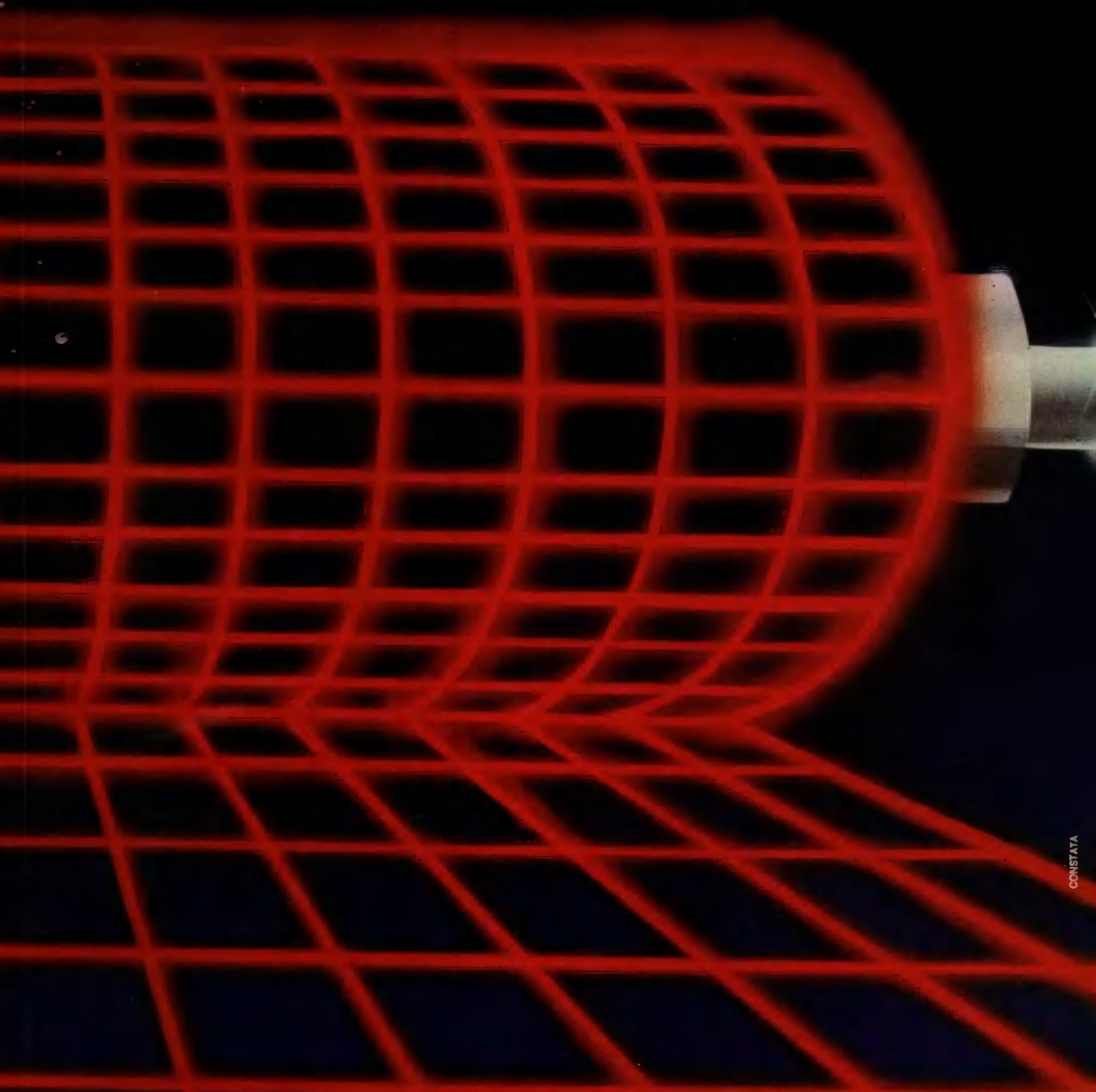
1001

**INDÚSTRIA DE ARTEFATOS
DE BORRACHA "1001" LTDA.**

TECNOLOGIA E QUALIDADE

R. Dias da Silva, 11 - V. Maria - CEP 02114 - Tel.: [011] 209-9299
Telex: [011] 23268 INAB BR - São Paulo - SP

1001



CONSTATA

QUALIDADE PARA TODAS AS INDÚSTRIAS
• Papel e Celulose • Siderúrgicas • Têxtil • Gráficas • Madeireiras • Plásticos • Curtumes

continuação da página 24.

so que em 85 a produção para o abastecimento do mercado interno deve normalizar-se."

Outro problema levantado por DUBYRIÇÁ Athayde, gerente de operações da Editora José Olympio refere-se à ausência de um política de marketing específica para o livro: "É necessário adotar técnicas mercadológicas que respeitem as necessidades específicas de cada faixa de consumidores e as características próprias do produto." Na sua opinião, o editor vê a obra do ponto de vista próprio, quando deveria haver maior preocupação com o mercado antes do lançamento. "Além disso - prossegue - deveriam ser estudadas outras formas de comercialização, como o marketing direto."

BOM NEGÓCIO - Sinal de que o livro é um negócio atraente para as livrarias, a Siciliano acaba de expandir sua rede de livrarias - a maior do País, que agora soma 30 pontos de vendas, 25 na Grande São Paulo, quatro no Rio e um em Santos. Para Osvaldo Siciliano Júnior, da terceira geração da família a lidar com o negócio, o sucesso é consequência direta da dedicação exclusiva ao livro, que vem desde 1942. "Em todas as nossas lojas - diz ele - temos os mesmos produtos, o que muda é a disposição, de acordo com o público da região em que se localiza." Agora, suas lojas começam a chegar à periferia de São Paulo, contrariando a tendência geral do ramo, de concentrá-las no Centro e na região da Avenida Paulista.

Com poucas restrições em relação à situação atual do mercado de livros, Siciliano acredita que ele melhorará ainda mais, desde que haja maior divulgação. Quanto aos preços, ele tem uma explicação diferente: "Mesmo com um alto custo de produção, a sua longa duração o torna barato."

Se, por um lado, parece não haver dúvida de que a crise econômica contribuiu para difundir o hábito da leitura - afinal, as famílias classe média do Rio e São Paulo passaram a ficar mais tempo dentro de casa, tendo o livro se tornado uma opção mais barata do que ir ao restaurante ou ao cinema - ela faz surgir, por outro lado, um serviço antes desconhecido no País e que poderá frear a tendência de aumento das tiragens: o aluguel de livros. São cada vez mais numerosas, nos grandes centros, as casas que se especializaram nesse novo ramo de negócios, que têm nos leitores de *best sellers*, em geral lidos uma única vez, sua clientela mais assídua. ●

SEMANA DO PAPEL: RESUMO DE TRABALHOS ATÉ 31 DE MAIO

OS PESQUISADORES e técnicos de empresas no ramo de celulose e papel que apresentarão trabalhos técnicos durante o XVIII Congresso Anual, que se realizará de 18 a 22 de novembro no Palácio das Convenções - Parque Anhembi, deverão enviar o título e o resumo desses trabalhos, com aproximadamente 50 palavras, juntamente com o currículo do autor, até o dia 31 de maio, para a Secretaria Técnica da ABCP, a fim de serem examinados. Já o trabalho completo deverá ser remetido até 1º de agosto, em três vias, com texto em português ou inglês e com os originais dos desenhos, ilustrações e gráficos. Deverá ser adotado o Sistema Internacional de Unidades "SI" ou o Sistema Métrico.

Cerca de 1.000 pessoas do setor, tanto do Brasil como do Exterior, participarão ativamente da Semana do Papel, promovida pela ABCP. O programa técnico abrangerá todos os setores de papel e celulose, desde a área florestal até a de acabamento e conversão, automa-

ção e controle do processo, equipamentos e produtos, proteção ao meio-ambiente, alternativas energéticas, focalizando as mais recentes inovações e abordando os aspectos econômicos do mercado papelero, tanto nacional como mundial. O programa incluirá ainda mesas-redondas e painéis de debates, com a presença de especialistas em cada setor específico.

Este ano, como nos anteriores, a ABCP conta com a sua participação no Congresso, através de trabalhos de sua especialidade, bem como de exposição de seus produtos. Para tanto, as reservas dos estandes devem ser feitas o mais rápido possível, devido ao número bastante limitado dos mesmos. A exemplo dos congressos anteriores, serão conferidos prêmios aos melhores trabalhos técnicos, os quais terão ampla divulgação, contribuindo para melhorar ainda mais a imagem profissional de seus autores e respectivas empresas. Para maiores informações, a Secretaria da ABCP está a sua inteira disposição.

ABCP EM SEDE PRÓPRIA

Com a aquisição de sua sede própria, a Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel - ABCP, torna-se ainda mais independente e com possibilidades de diversificar cada vez mais seu campo de atuação. A ABCP, fundada em 16 de janeiro de 1967, nasceu com o objetivo principal de proporcionar o intercâmbio entre técnicos e consequentemente de aprimorar o setor de papel e celulose.

Durante esses dezoito anos, as diretorias, colaboradores e associados dirigiram seus esforços no sentido de dar apoio e subsídios ao desenvolvimento deste segmento industrial. Com esses espírito participativo, a ABCP conseguiu

atingir uma etapa de muita importância na sua história: a aquisição de sua sede própria, localizada na rua Ximbó, 165. A nova sede possui duas salas de reuniões para melhor atender às Comissões Técnicas, Grupos de Trabalho e Divisões, além de uma sala de aula mais ampla, em condições de receber um número maior de participantes por empresa associada. A Biblioteca, também, proporciona melhores acomodações ao consultante, além de seu acervo mais completo.

A nova sede está à disposição de todos aqueles que, com seu trabalho, contribuem para o crescimento do setor celulósico-papeleiro.

O BRILHO QUE COMPLETA UMA IDÉIA



LORCA FOTÓGRAFOS

COUCHÉ BS SUZANO

O COUCHÉ BS produzido pela Cia. Suzano de Papel e Celulose proporciona o brilho e a qualidade que sua idéia merece.

As características técnicas do COUCHÉ BS SUZANO permitem resultados gráficos excelentes, devido a:

- Maior alvura
- Excelente printabilidade
- Elevado brilho
- Maior nitidez e contraste de cores
- Melhor desempenho em máquina

Calendários, revistas, livros, cartões comemorativos, folhetos, convites, rótulos, etiquetas, cartazes, ficam perfeitos com o COUCHÉ BS SUZANO.

Você poderá encontrá-lo nas seguintes opções:

PRODUTO	CARACTERÍSTICAS	GRAMATURAS (g/m ²)
COUCHÉ BS 101 NT	Cobertura couché em uma face Impressão: off-set, tipográfica	75/85/90/105/125
COUCHÉ BS 102 NT	Cobertura couché em ambas as faces Impressão: off-set, tipográfica	85/95/120/150
COUCHÉ BS 102 NT "WO"	Cobertura couché em ambas as faces e resistência à formação de blisters Impressão: off-set rotativa	85/95
COUCHECART BICOATED	Cartão com cobertura couché em ambas as faces Impressão: off-set, tipográfica	180/270

"Com o Couché BS Suzano, a reprodução mantém as mesmas características do original com incrível fidelidade."

German Lorca
Fotógrafo
Lorca Fotógrafos Ltda.

"Finalmente consegui o casamento perfeito com o Couché BS da Suzano."

Ronald Persichetti
Diretor de Produção Gráfica
DPZ Propaganda S.A.

"Sobre o papel Couché BS Suzano, podemos dizer que a lisura, o brilho, a alvura, a absorção da tinta e a maciez proporcionam uma impressão de primeira qualidade."

José Luciano Cremonese
Diretor Técnico
Pannon Gráfica S.A.

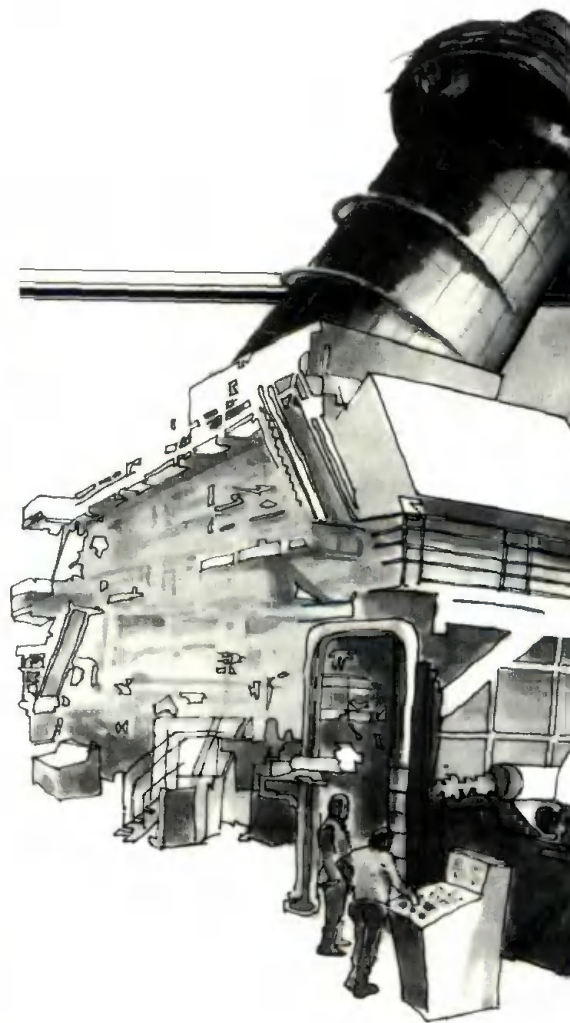


Cia. Suzano de Papel e Celulose

MAIOR ÊNFASE NAS RELAÇÕES INDUSTRIAIS

O binômio aperfeiçoamento das relações trabalhistas e treinamento/desenvolvimento tem sido o principal centro de atenção do setor celulósico-papeleiro na área de recursos humanos. Essa preocupação vem favorecendo um equilibrado relacionamento empregador-empregado, no qual prevalece o respeito mútuo.

Matéria elaborada sob a supervisão do GREIPACE - Grupo de Relações Industriais do Papel e Celulose



MANTENDO em alto nível o relacionamento empregador-empregado e solucionando as eventuais divergências através de discussões francas na mesa de negociações, o setor de papel e celulose tem encontrado na política de administração de Recursos Humanos uma eficiente forma de equilíbrio nas relações trabalhistas.

Efetivamente, já há alguns anos, o setor se preocupa em oferecer a seus funcionários condições que lhes assegurem segurança no emprego e desenvolvimento pessoal, o que pode ser comprovado pelo grande número de empregados que prestam serviços a uma mesma empresa durante um período de tempo bastante expressivo.

A segurança no emprego, aliás, começa no exato momento da admissão do funcionário, e isso torna-se evidente quando se analisa a mão-de-obra das empresas e se constata que um opera-

dor de máquina de hoje, por exemplo, foi admitido no menor cargo da empresa e com base em treinamentos e esforço pessoal, passou por vários cargos até chegar à situação atual.

Esse é exatamente um dos pontos que diferencia o setor dos demais segmentos da economia. Quando alguém é admitido, já é visto como um membro efetivo da equipe, que provavelmente irá trabalhar na empresa até se aposentar. A tecnologia empregada, por sua vez, exige pessoal altamente treinado e experiente, o que faz com que, no caso de substituições, transferências e promoções, seja geralmente utilizado o pessoal interno.

BAIXO "TURN-OVER" - Sérgio Bartolomucci, responsável pelo departamento de RH da Divisão Klabin da Paraná-Papel, é um dos representantes do setor que faz questão de enfatizar essa posição de encarar um novo funcionário

como um indivíduo que veio, de fato, para permanecer na empresa. "Isto é uma realidade e a melhor comprovação é o baixo *turn-over* que temos" - afirma ele. Não somente pela sua localização - distante dos grandes centros - mas principalmente pela política da empresa, o investimento em desenvolvimento de recursos humanos, segundo Bartolomucci, é alto.

Em Monte Alegre, onde a indústria está implantada foi instalado, há muitos anos, o primeiro curso de Formação de Técnicos em Papel e Celulose do Brasil, em convênio com o Senai. Atualmente, a Klabin supera a casa dos 2 mil funcionários treinados em todos os níveis operacionais e gerenciais.

A empresa dá especial ênfase a um programa totalmente desenvolvido em Monte Alegre e que é chamado de "Grupos de Área". Este programa tem como princípio básico integrar coerentemente a base da pirâmide no contex-



to do planejamento administrativo e operacional. Para isso, procura-se treinar o homem a participar, desobstruindo os dutos de comunicação e montando canais formais de diálogo que permitam ao trabalhador compreender o significado do seu trabalho, manifestar-se e ser ouvido, influir nas condições de trabalho e nas relações do processo industrial em que está comprometido.

Essa preocupação de integrar o funcionário, presente em todo o setor, deve-se exatamente ao fato de que um pessoal já treinado em longos anos de trabalho não pode ser simplesmente trocado por um tipo de mão-de-obra que não possua essas mesmas qualidades. Esse fato, aliado ao bom ambiente de trabalho, criado pelos anos de convivência, é que levou o setor a ser um dos que menor número de empregados dispensou nos últimos anos, suportando níveis elevados, tanto de estoques como de endividamento, mas utilizando sempre a qualidade dos seus recursos humanos

para encontrar caminhos que amenizassem a crise.

TREINAMENTO - Na busca de uma constante elevação da qualificação profissional, o trabalhador da categoria recebe treinamento contínuo, seja na própria empresa pela qual é contratado, seja em escolas ou outras indústrias. Hoje, as empresas investem entre 0,2 e 1% de suas receitas líquidas em programas de treinamento e desenvolvimento e a categoria já conta, inclusive, com um Curso Técnico de Celulose e Papel, ministrado na Escola Senai "Theobaldo De Nigris", em São Paulo, e estuda-se também a criação de uma escola superior para formação de engenheiros de celulose e papel.

Além disso, a sofisticação crescente do mercado gráfico, aliada à maior exigência do consumidor, faz com que a tecnologia do setor passe por um processo de intenso dinamismo que obriga

as empresas a manter um pessoal altamente qualificado no exercício de suas funções.

Essa sistemática de treinamento e desenvolvimento contínuos leva o funcionário a se sentir mais seguro, pois o conhecimento e vivência adquiridos incorporam-se ao seu dia-a-dia, dando-lhe a certeza de que se profissionalizou, recebeu promoções e terá sempre a possibilidade de conquistar melhores posições.

O treinamento intensivo de mão-de-obra pelas próprias empresas, feito paralelamente à implantação de novas unidades industriais e à adoção de novas tecnologias, permitiu que a produção anual de papel, em 1983, fosse 211% superior à registrada em 1970. No mesmo período, registrou-se um aumento de 360% na produção de celulose, passando o Brasil a ocupar a oitava posição entre os maiores produtores mundiais dessa matéria-prima.

A partir da década de 70, o setor de▷

celulose e papel investiu maciçamente em treinamento de pessoal em função do impulso de crescimento com a adoção de escalas crescentes de produção. Atualmente, o treinamento está voltado para a atualização tecnológica" - explica Mauro Gonçalves Marques, diretor administrativo-financeiro da Ripasa.

RECURSOS HUMANOS - Lembrando que estudos desenvolvidos por entidades governamentais de pesquisa indicam ser a mão-de-obra adequada, em número e qualidade, o fator que mais tem contribuído para o desenvolvimento do setor de celulose e papel entre toda a indústria de insumos básicos (seguido a curta distância pelo setor químico), Marques acrescenta: "Nossos investimentos em treinamento, também estão voltados para as atividades de gestão, visando a desenvolver tecnologia gerencial."

Por sua vez, o gerente de RH da Cia. Suzano de Papel e Celulose, José de Brito Castro, afirma que a empresa tem preocupação constante em aperfeiçoar os recursos humanos "com vistas a desenvolver novas tecnologias e a aprimorar a mão-de-obra." Isso se dá em função da própria história da empresa, pioneira

na utilização de eucalipto para fabricação de celulose, cujo processo de obtenção foi desenvolvido no início da década de 50 em laboratórios da Universidade da Flórida (EUA), pelo empresário Max Feffer - então em início de carreira - e pelos pesquisadores Arthur Janakauskis e Gunnar Krogh.

Conforme Brito Castro, no ano de 83 foram beneficiados 2.254 funcionários, totalizando 214.583 horas/course, enquanto que em 1984 os 3.278 treinados absorveram 511,5 mil horas/course.

Também Ruy Haidar, diretor da Fábrica de Papel Santa Terezinha S.A.,

considera de fundamental importância manter o quadro de pessoal permanentemente motivado: "Equipamento, tendo o dinheiro, você pega o catálogo e compra mais. Pessoas, não. É preciso formá-las, tratá-las bem e mantê-las motivadas, o que se consegue por meio de bons salários, plano de benefícios adequados e treinamento." "Na verdade - acrescenta Jerônimo Leiria, gerente de RI da Ripasa - os recursos humanos não são o fator de custo, mas de lucratividade para a empresa, quando motivados e participativos."

Dentre os principais programas oferecidos pela Santa Terezinha, Haidar



destaca os treinamentos básicos em operações de máquinas de guardanapos, lenços e impressão, bem como o programa de conscientização sobre segurança industrial, que propiciou à empresa sensível redução no índice de acidentes.

Relata Haidar que o desenvolvimento do setor de papel e celulose nos últimos 15 anos não foi acompanhado de uma evolução paralela no preparo do pessoal, quer por parte do Governo, quer por parte do ensino privado, o que levou as empresas do setor a treinar e formar mão-de-obra de que necessitam, "com resultados gratificantes."

No caso da Companhia Industrial de

Papel Pirahy, o diretor superintendente da empresa, Antonio Carlos de Araújo, assegura que "treinamento é importante fator de motivação, pois o homem anseia por executar bem e com segurança o seu trabalho." Araújo afirma também que os investimentos neste campo têm demonstrado excelentes retornos, "não só do ponto de vista da satisfação pessoal-profissional do empregado, como em relação à melhor qualidade dos produtos."

Imperativo de sobrevivência e garantia de crescimento da organização. Esta foi a expressão usada por Antonio Carlos Godói, chefe de treinamento da

Champion Papel e Celulose, para explicar o constante investimento da empresa em programas de treinamento para formação e aperfeiçoamento do pessoal.

Segundo ele, a Champion mantém há 13 anos um programa permanente de reposição de mão-de-obra nas áreas de produção de papel e celulose, utilidades e acabamento, para fins de ocupação de postos vagos - quer pelo desligamento do ocupante, quer por aumento do quadro. Objetivando o aperfeiçoamento do processo de comunicação inter-pessoal e interdepartamental, a indústria promove seminários de recursos humanos

para a gerência e funcionários da supervisão. Já para o pessoal a nível de gerência, o treinamento inclui cursos e estágios técnicos no Exterior.

BOLSAS DE ESTUDO - Digase de passagem, que a maioria das empresas consultadas adotou a prática de oferecer bolsas de estudo para estagiários, seja para estudantes de nível técnico, seja para os de nível superior. Por seu turno, o chefe do Departamento de RH da Cenibra, Marco Elísio Corradi, destaca que o treinamento realizado por instrutores da própria área operacional vem >



CATO 310 proporciona benefícios na fabricação de Liners de alta resistência.

CATO 310 é um amido de terceira geração que não se limita a dar apenas um Liner com mais resistência, mas também melhora efetivamente a produtividade de máquina, aliando qualidade à custos finais inferiores.

CATO 310 é um recurso eficiente quando o problema for drenagem na produção do Liner.

Dentre nossos produtos estão os amidos catiônicos; acetilados e de baixa viscosidade entre outros especiais. Dispomos, também de uma linha completa de colas vegetais.



Lorenz National Industrial Ltda.

MATRIZ: Rua São Paulo, 3068 - 89100 - Blumenau - SC
fone: (0473) 23.2988 - telex: (0473) 323 IFCL BR

FILIAL SÃO PAULO: Rua Aroaba, 40
05317 - São Paulo - SP
fone: (011) 261.4400 - telex: (011) 31762 IFCL BR

tendo uma aceitação muito grande: "À medida que a empresa oferece treinamento específico para esses instrutores, o grau de comprometimento dos mesmos com a qualidade e resultados dos cursos aumenta." De acordo com ele, a Cenibra oferece treinamento em todos os níveis, mas com maior incidência nas áreas operacionais. "Já na área administrativa, o treinamento à distância vem apresentando aceitação crescente" - conclui.

Já o chefe da Divisão de Treinamento da Aracruz Celulose S.A., Carlos Jones Goicocheia, considera "bastante significativo", o investimento em programas de desenvolvimento de recursos humanos da empresa.

A área de treinamento, que recorre também a treinadores externos, possui cinco instrutores, cada um especializado num dos seguintes setores: mecânica, elétrica, instrumentação, laboratório e processo de fabricação de celulose. Em 1984, foram desenvolvidos 232 programas - 72 dos quais externos - com a participação de 1801 funcionários.

Enquanto isso, na Indústrias de Papel Simão S.A., nos últimos três anos foram treinados 2.783 funcionários com o auxílio de 130 instrutores. Segundo o gerente da Divisão de RH, Luís Washington Westmann,

os programas de maior destaque foram o de "Informática" para usuários gerenciais e supervisores e "Utilização econômica do vapor e condensado na fabricação de papel e celulose." "Em termos de metodologia - afirma Westmann - a empresa tem utilizado com ótimos resultados os círculos de aprendizagem operativa, principalmente em qualidade de operacionalização no acabamento."

Através de convênio mantido com a Escola Senai de Artes Gráficas "Felicio Lanzara", a Simão coloca à disposição um técnico de celulose e papel, colaborando ainda no desenvolvimento de programas de pesquisa aplicada nas áreas

de impressão e fabricação de papel. Além disso, são estimuladas visitas técnicas e estágios para docentes, técnicos e alunos, nas empresas e laboratórios do Grupo Simão.

Paralelamente ao treinamento, a grande preocupação de qualquer empresa do setor é oferecer a seus funcionários um convívio tranquilo com o seu ambiente de trabalho, através de programas que visam eliminar atos e condições inseguras. Uma das fábricas do setor, a Champion, é, por sinal, detentora de um recorde internacional de horas trabalhadas sem ocorrência de trabalho com afastamento.



Para incentivar essas atividades das empresas, a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose instituiu o programa "Destaque em Segurança", que outorga placas e certificados a empresas que reduziram seus acidentes de trabalho. Esses programas, contínuos nas empresas do setor, representam um forte incentivo para se aperfeiçoar cada vez mais as condições de segurança no emprego.

Uma análise do panorama das relações industriais no setor revela também que se tem procurado oferecer o máximo ao trabalhador em termos de benefícios, conforme a realidade de cada em-

presa. Alguns deles são gerais e constam inclusive dos acordos inter-sindicais e outros específicos de planos de empresas, que abrangem desde atividades que envolvem programas de saúde até programas de lazer.

A área de assistência médico-hospitalar, aliás, é um dos pontos fortes do setor no Estado de São Paulo, contando o trabalhador com, no mínimo, duas opções para esse tipo de assistência, extensiva inclusive aos dependentes. A primeira e mais utilizada é a do Sepaco, hospital mantido exclusivamente pelas empresas do setor e dotado de infra-estrutura de padrão internacional. A segunda, já tradicional, é oferecida pelo Inamps.

A essas duas, não raro se junta uma terceira opção, representada pelos convênios firmados por empresas do Interior, subvencionados e supervisionados pelo Sepaco, que se prepara para atuar diretamente também nessa área, através de postos de atendimento que garantirão o mesmo padrão de assistência médica oferecida na Capital. Para tanto, trabalharão nesses postos, funcionários do próprio Sepaco.

"Da mesma forma que no hospital da entidade, o atendimento nos postos do Interior será inteiramente gratuito, pois o que se busca é o lucro social, via tranquilidade do funcionário", in-

forma o Dr. Jamil Aun, presidente do Sepaco. E dentro de aproximadamente quatro meses, estará em funcionamento o primeiro posto, já tendo sido efetuado um mapeamento com a indicação das regiões de maior densidade de fábricas e de empregados. Falta agora apenas definir a localização desse posto pioneiro.

A conjugação de todos esses fatores demonstra que, através de uma política de Recursos Humanos centrada na segurança e desenvolvimento do homem, o setor tem conseguido assegurar a harmonia no relacionamento e, com isso chegar a soluções de interesse comum sem nenhuma espécie de confronto.

A Pumps surgiu...



para dar vida nova à sua bomba.

PEÇAS DE REPOSIÇÃO PARA TODAS AS MARCAS

- PROJETOS
- NACIONALIZAÇÃO
- MANUTENÇÃO
- USINAGEM EM GERAL
- FUNDIÇÃO

- APLICAÇÕES**
- USINAS DE ACÚCAR E ALCÓOL
 - PAPEL E CELULOSE • QUÍMICAS
 - SANEAMENTO • CONSTRUÇÃO CIVIL
 - INDÚSTRIAS EM GERAL



Pumps Indústrias Mecânicas Ltda.
R. Bacharel de Cananéia, 5 - Tel.: (011) 63 6375 - 274 2144
CEP 04279 - Alto do Ipiranga - São Paulo

GERENCIAMENTO DO MEIO-AMBIENTE É TEMA DE CONFERÊNCIA MUNDIAL

Paulo Bastos Cruz

A CONFERÊNCIA Mundial da Indústria no Gerenciamento do Meio-ambiente - WICEM - reuniu-se em Versailles de 14 a 16 de novembro de 1984, contando com a presença de 514 delegados de 71 países, incluindo representantes governamentais, da indústria, dos parlamentos, da comunidade científica, de organizações inter-governamentais e não-governamentais. O encontro foi patrocinado pela indústria mundial e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente (UNEP), em cooperação com a Câmara Internacional de Comércio (ICC).

Durante a conferência foram discutidos três assuntos principais: a experiência industrial na solução dos problemas ambientais; gerenciamento ambiental - oportunidades e restrições; a busca de um gerenciamento ambiental mais efetivo.

Nos últimos 15 anos, e particularmente desde a conferência das Nações Unidas sobre o Meio-Ambiente Humano, em Estocolmo, ocorreram os seguintes fatos:

□ o setor industrial mundial fez consideráveis contribuições na solução dos problemas ambientais e ganhou uma grande experiência prática e técnica nesse campo;

□ a cooperação entre a indústria e o Governo cresceu, durante este período, em muitos países;



□ o papel das organizações não-governamentais e das trabalhistas foi muito importante na criação de uma consciência maior da necessidade de proteção ambiental.

Houve consenso geral na Conferência de que a época de confronto no que tange a assuntos ambientais é coisa do passado, e o tema dominante foi o de que devemos consolidar mais a cooperação entre todas as partes envolvidas. Na WICEM, participantes dos vários grupos sociais negociaram entre si com sucesso, na identificação de áreas prioritárias para tal cooperação. É essencial levar esse diálogo aos níveis regionais, nacionais e locais. Os conselhos nacionais de meio-ambiente, amplamente representativos em alguns países, poderiam servir de modelo para tal diálogo.

A Conferência reconheceu a responsabilidade comum de todas as partes para proteger o meio-ambiente. Esta responsabilidade deve ser totalmente considerada em todas as atividades de desenvolvimento, inclusive as atividades industriais. Como consequência, a Conferência enfatizou a importância da necessidade em continuar melhorando o gerenciamento ambiental em todo o mundo, incluindo educação ambiental apropriada e treinamento para todos os envolvidos.

Baseada nestas deliberações, a Conferência subcreveu os seguintes princípios:

□ um desenvolvimento econômico sustentável é uma meta internacional essencial.

O gerenciamento ambiental deve ser parte integrante do desenvolvimento econômico. As questões ambientais devem ser encaminhadas nos estágios mais prematuros do planejamento econômico e do processo de desenvolvimento. Um reconhecimento especial deverá ser dado aos problemas ambientais criados em áreas urbanas por migrações desenfreadas das áreas rurais.

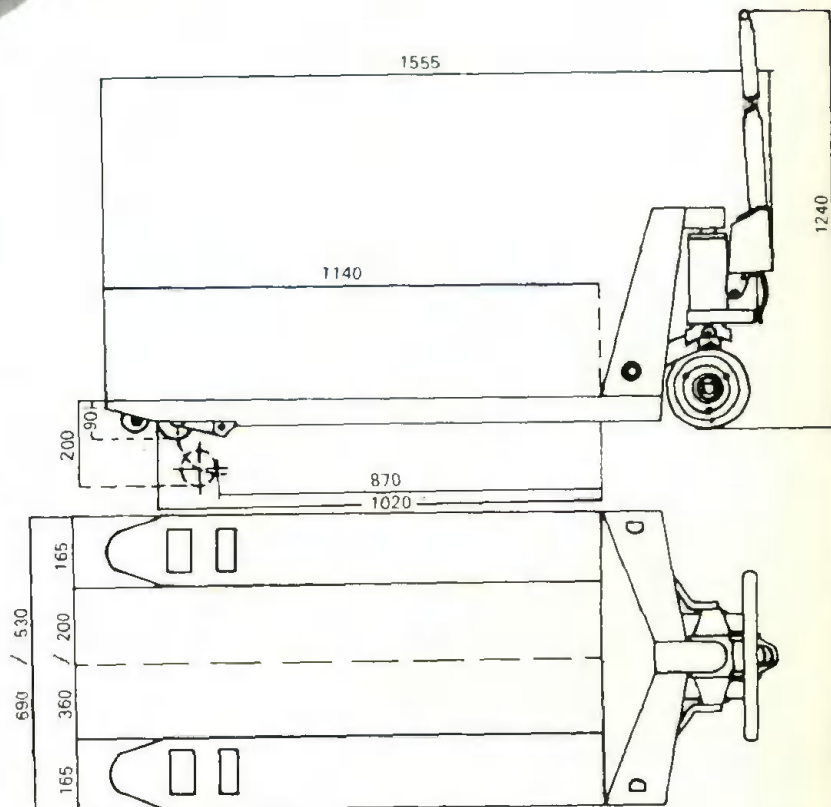
□ o crescimento econômico pode ser compatível com a proteção ambiental.

□ a análise custo/benefício é, apesar de suas limitações, um elemento essencial das tomadas de decisões ambientais. O sistema custo/benefício deverá ser melhorado para tentar quantificar o valor dos elementos críticos em nossa herança cultural.

CARRO HIDRÁULICO PARA PALLETS



DETALHES TÉCNICOS:			
CAPACIDADE		2 000 Kg	
COMPRIMENTO ÚTIL		1 140 mm	
LARGURAS		690 mm	530 mm
VÃO ENTRE GARFOS		360 mm	200 mm
ALTURAS	Abaixado	90 mm	
	Levantado	200 mm	
RODAS DE NYLON COM ROL. ESFERAS.	Traseiras	90 x 100 mm	
	Dianteiras	200 x 60 mm	
PÊSO		98 kg	94 kg



□ não há apenas o custo direto da proteção ambiental a ser considerado, mas também o custo do prejuízo à sociedade

de como um todo.

□ uma abordagem antecipada e preventiva no tratamento da degradação

ambiental é preferível à correção ambiental dos problemas, depois que eles tenham ocorrido.

RECOMENDAÇÕES PRINCIPAIS

1 Uma participação maior da indústria no gerenciamento ambiental, no que diz respeito às políticas internacionais, pode ser fomentada através da Câmara Internacional de Comércio e do Programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente, com quaisquer modificações que possam ser requeridas das estruturas e procedimentos existentes. Há ainda para organizações mais especializadas, um papel importante a ser desempenhado nesse processo, incluindo o comércio, o trabalho e associações não-governamentais.

2 A informação básica que a indústria e os governos necessitam para encaminhar as questões ambientais deve ser definida claramente. Organizações internacionais e associações comerciais são candidatas lógicas para servir como mecanismos de distribuição de informação nos níveis nacionais, regionais e mundiais. A UNEP deve continuar a colocar suas ações no estabelecimento de elos entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, e particularmente para assegurar o acesso às informações tecnológicas e dados básicos. A ICC deve cooperar nesse esforço.

3 Países em desenvolvimento necessitam ajuda financeira adicional para obter o necessário "know-how" técnico no gerenciamento ambiental, e para proteger os escassos recursos prezados pela comunidade global.

4 As associações industriais, assim como as empresas industriais individuais, devem ser incitadas a continuar e a estender o apoio de sua organizações, e suas equipes especializadas para contribuição na elaboração de políticas e de assistência tecnológica nos esforços ambientais mundiais. Isso deve incluir treinamento e aconselhamento profissional para o benefício dos países em desenvolvimento, a seu pedido, e considerando as necessidades regionais.

5 Mecanismos devem ser estabelecidos para melhorar a cooperação

entre indústria e Governo nas questões de gerenciamento ambiental. Para esse propósito, a ICC deve convocar um pequeno grupo de executivos, os quais devem representar tanto áreas geográficas como segmentos industriais. Esses representantes de diferentes regiões servirão como consultores e não como representantes de política final para toda a indústria.

O Diretor-Executivo da UNEP foi requisitado para iniciar discussões entre representantes governamentais escolhidos geograficamente pela UNEP e o grupo da ICC, e quando considerado necessário, com outras organizações. O objetivo global será o de consulta sobre a efetiva implementação de programas ambientais mutuamente acordados e a discussão de propostas para ação. Este processo não exclui outros grupos de comunicação com a UNEP, ou com os governos em questões ambientais.

6 Estudos de casos experimentados pelas companhias em gerenciamento ambiental, no hemisfério norte ou no sul, devem ser preparados, sob os auspícios da UNEP e das associações industriais, e serem amplamente disseminados.

7 Mecanismos devem ser encontrados para servir de ponte entre os especialistas ambientais das grandes corporações industriais e aqueles das pequenas e médias empresas.

8 Por uma questão de princípio, o uso dos melhores métodos técnicos apropriados deve ser almejado em todos os projetos de desenvolvimento, cooperação e investimento.

9 As companhias multinacionais devem ser estimuladas a participar nos esforços da proteção ambiental local e, quando necessário, assumir a liderança no aumento do nível de conhecimento e sofisticação no tratamento desses problemas.

10 O estabelecimento de princípios nos impactos ambientais internacionais e sua orientação, devem ser acelerados para permitir acordo inter-

nacional preliminar, o qual proporcionará a base para uma cooperação mais sólida entre os países.

11 Há também a necessidade de alguma forma de objetivos para a proteção ambiental mundial. Idealmente esses objetivos devem refletir condições locais, conquanto devem procurar evitar as distorções de competição.

12 O mau gerenciamento de substâncias tóxicas e de resíduos perigosos coloca uma séria ameaça à saúde pública. Esforços especiais serão necessários para controlar o manuseio seguro de tais resíduos.

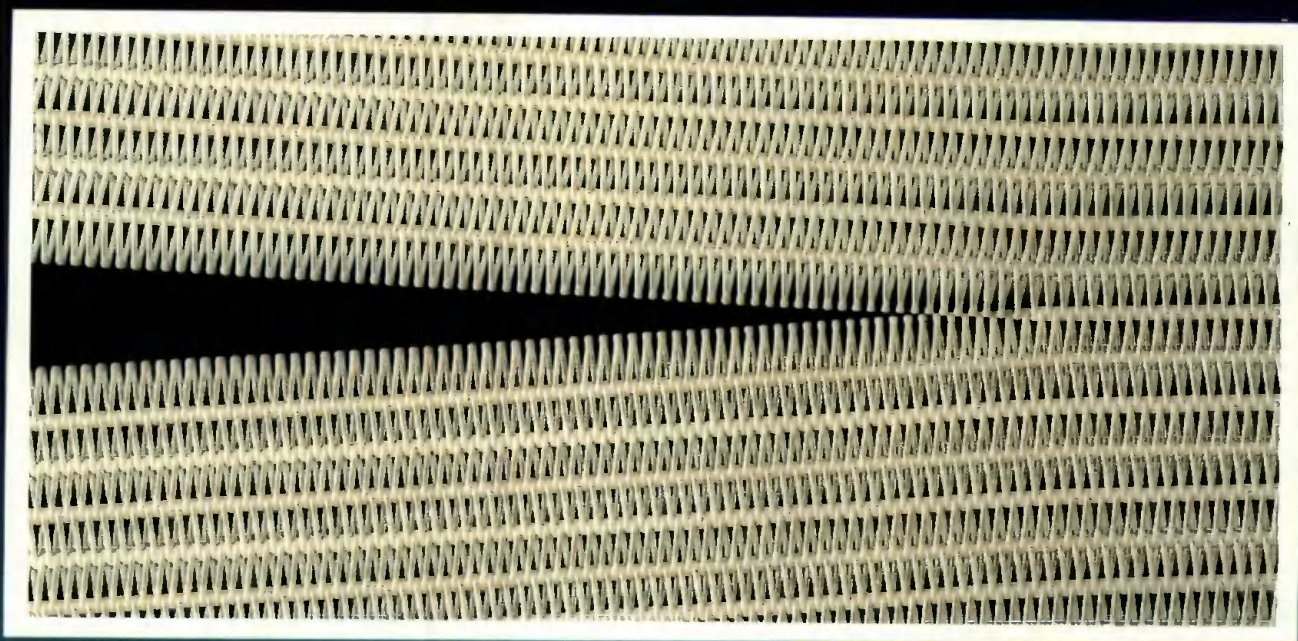
13 Para encorajar abordagens mais inovadoras e de custo efetivo pelas indústrias, a estrutura reguladora nacional ambiental deve ser melhorada através de: (a) consultas mais sistemáticas e prévias à indústria e a outros parceiros sociais; (b) fixação de claros objetivos de controle ambiental; (c) mais ênfase no uso de instrumentos econômicos apropriados (incentivos e desincentivos); (d) simplificar mecanismos existentes, sem reduzir sua eficiência; (e) estabelecer limites de tempo razoáveis, dentro dos quais os procedimentos devem ser completados; e (f) estimular formas diferentes de auto-regulação.

14 Para fortalecer o acesso antecipado e preventivo ao gerenciamento ambiental dentro da indústria, cada gerente de linha - do chefe executivo para baixo - deve pensar em si mesmo como um gerente ambiental. Clara responsabilidade pelo desempenho ambiental deve acompanhar o gerencial em cada caso.

15 Para melhorar as relações em assuntos ambientais com as comunidades locais ou mais amplamente assentadas, e estabelecer um clima de confiança, a indústria deve ser encorajada a fornecer informações ao público e ao contingente de trabalho, numa forma contínua o objetiva nos impactos ambientais das atividades da companhia.

ESPIRALMESH®

Os melhores papéis passam por esta tela.



Mais do que pioneirismo, o sucesso alcançado pela ITELPA com o lançamento de telas plásticas PLASTIMESH, SECAMESH e de dupla camada DUOMESH, para formação e secagem, deve-se à alta qualidade de seus produtos. O mesmo acontece agora com ESPIRALMESH, a nova tela secadora ITELPA com revolucionário sistema de união.

Principais vantagens:

ESPIRALMESH é destinada à bateria secadora de máquinas de papel, que é um tecido não tecido, produzido com monofilamento de poliéster reforçado e resistente à hidrólise, destacando-se pela uniformidade de sua superfície e total flexibilidade.

ESPIRALMESH tem sua instalação ainda mais simplificada, pois, a união sendo feita com

auxílio de um aparelho de pequeno porte e de fácil manuseio, que acompanha a tela, resulta numa operação tão perfeita, que apresenta a mesma resistência de qualquer ponto do tecido. ESPIRALMESH é fornecida com CFM, a partir de 350, podendo atingir até 1.000, de acordo com a necessidade de cada posição da máquina, diminuindo consideravelmente o consumo de vapor utilizado nos cilindros secadores.

ESPIRALMESH é a ITELPA mantendo o seu pioneirismo. Fica assim assegurado à indústria papeleira, o acesso às técnicas hoje utilizadas nos Estados Unidos e na Europa.

Para esclarecimentos adicionais, estamos ao seu inteiro dispor.



ITELPA s.a.

ITELPA S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Oscar Freire, 379 - 4º andar - CEP: 01426 - São Paulo - SP - Brasil - 01051 - Caixa Postal 656
Telefone: (PABX) (011) 881-7711 - Telex: 011 30700 ITMP - End. Telegráfico: TELINDÚSTRIA

FABRICANTES DE PAPEL PENSAM NO 2.º ENEC

O saldo positivo do 1.º Eneec estimula o setor a organizar um segundo encontro em São Paulo

O PRIMEIRO encontro realizado em São Paulo, em abril do ano passado, entre fabricantes de papel e empresários gráficos provou que o debate entre segmentos distintos, porém interligados, é o caminho seguro para se chegar a um planejamento comum. Foi avaliando os bons resultados do 1.º ENEC (1.º Encontro Nacional da Embalagem de Cartão), organizado pela ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - e pela Abigraf - Associação Brasileira da Indústria Gráfica - que os fabricantes já se preparam para promover este ano mais um encontro que prima pela riqueza da troca de informações.

O saldo positivo da reunião de 84, que integrou duas associações de classe de âmbito nacional na formulação de planos e estratégia de atuação, pode ser nitidamente identificado: fabricante e conversor discutem juntos, hoje, as estratégias de retomada de segmentos de mercado; há maior conscientização dos grupos, mais garantia de suprimento de cartões no mercado interno, mesmo que se avance no campo das exportações; e, ainda, a adoção de uma política comum de exportação de embalagens.

Fortalecidas as relações fabricante e indústria gráfica, objetivando maior benefício para o usuário, o 2.º ENEC dará oportunidade para o cliente final, em função do segmento em que atua, falar sobre suas considerações a respeito da embalagem utilizada no Brasil. Ele poderá apontar as vantagens e desvantagens do produto, assim como dizer das necessidades e expectativas de cada segmento usuário.

Sem data marcada para a sua realização, o encontro a acontecer em 85 entre fabricantes e usuários deve examinar a situação presente da embalagem em geral e, mais especificamente, da embalagem-cartão. O 2.º ENEC servirá de termômetro para a embalagem-cartão ser avaliada sob a ótica do usuário final. O cliente está convidado a analisar, na presença do fabricante, o produto embalagem-cartão, assim como apontar se as tendências futuras serão dirigidas a: investimentos no visual da

embalagem servindo como mais um instrumento de **merchandising**, barateamento de custos, melhor performance no acondicionamento do produto, ou ainda, propor outras alternativas.

Esse 2.º ENEC será organizado pelo Grupo de Trabalho de Marketing-Cartão, pertencente à Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, que atualmente está delineando o temário.

RÁPIDO BALANÇO - Os dois segmentos distintos que se reuniram para discutir assuntos de seus interesses chegaram a conclusões objetivas na reunião de 2 de abril do ano passado. Foi determinada a necessidade de trabalho a plena capacidade de produção; o aumento do desempenho em termos de mercado interno; a procura de novos segmentos de mercado; a difusão da importância e economia que representam a utilização do papel-cartão (como, por exemplo, que ele é biodegradável, reciclável).

Na opinião de Osmar Zogbi, presidente da APFPC - Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose - "A conquista de novos mercados só será possível desde que se faça uso de esforços promocionais e pesquisas para demonstrar as indiscutíveis vantagens oferecidas pela nossa matéria-prima".

A preocupação do dirigente da APFPC foi atentamente avaliada durante a apresentação e debate dos onze temas propostos no 1.º ENEC, que foram discutidos no Hotel Maksoud Plaza, na presença de aproximadamente 90% dos produtores de matéria-prima e 80% das empresas gráficas mais representativas do setor.

E, o 1.º ENEC chegou a conclusões que unem os interesses distintos envolvidos nos debates. Dentro do tema "Estratégias para manutenção, conquista e retomada de segmentos usuários de embalagens", a solução apresentada foi de que se acabe com o distanciamento existente entre os diversos setores, o que resulta no aumento do grau de confiabilidade e no entrosamento, e, ainda em que ninguém deixe de informar o outro sobre as condições técnicas, qualitativas

e mercadológicas de cada produto.

O tema "Planejamento e Produção - confiabilidade no prazo de entrega, programação antecipada e integração de programação antecipada e integração de programação cliente final/conversor/fabricante", salientou que o setor teme atrasos de entrega de material em virtude das exportações. Isso pode ser solucionado através da programação antecipada de compras.

"Quanto à comunicação", os participantes do 1.º ENEC concluíram que não basta apenas o usuário saber dos benefícios técnicos, econômicos, ou mesmo ecológicos, e até de saúde, que a embalagem-cartão proporciona. É fundamental conscientizar a comunidade e os órgãos do Governo.

Solucionadas as principais dificuldades relativas ao fornecimento do mercado interno, os debatedores reuniram-se para falar sobre "Política de exportação de embalagem - integração fabricante/conversor" - mostrando que a indústria gráfica encontra dificuldades ou até impossibilidades (salvo exceções) em colocar seus produtos nos mercados importadores. Essa situação ocorre em virtude do desconhecimento e das exigências do próprio mercado externo (técnica, tarifa e consumo); a falta de conhecimento da sistemática de exportação e formação de custos na indústria gráfica; pouca disponibilidade de recursos individuais para implantação e desenvolvimento dessa sistemática; falta de maior entrosamento gráfica/fornecedor, objetivando troca de informações sobre mercados de exportação; e, ainda, à capacidade ociosa do parque industrial gráfico que pode ser canalizada para o campo das exportações.

Assim, os debates concluíram que é possível aumentar a participação brasileira nos mercados externos através de um maior conhecimento dos mercados potenciais, visando à exportação; e que se pratique o desenvolvimento de uma sistemática patrocinada por associações de classe, visando ao conhecimento desses mercados, e à viabilidade econômica na exportação.

UM BALANÇO DA REUNIÃO NACIONAL DA ANFPC EM OLINDA

A ANFPC, com o patrocínio da Acepan (Associação da Indústria de Celulose, Papel e Artes-fatos do Norte e Nordeste), realizou dia 25 de março, em Olinda (PE), sua terceira reunião nacional dentro de seus novos objetivos de proceder à descentralização de suas atividades e promover maior intercâmbio de informações entre as empresas das diversas regiões do País. Anteriormente, São Paulo e Curitiba sediaram encontros semelhantes, devendo o próximo realizar-se no Rio de Janeiro e o seguinte em Canela (RS), em datas ainda não definidas.

Os trabalhos apresentados em Olinda abordaram temas de grande interesse e atualidade para o setor celulósico-papeleiro e foram dirigidos pelos presidentes da ANFPC, Horácio Cherkassky; da Acepan, José Santos; da Associação Paulista (APFPC), Osmar Zogbi; dos sindicatos das empresas do setor do Rio Grande do Sul, Luiz Fernando Franco; de Santa Catarina, Luís Carlos Pisani; do Rio de Janeiro, Frederico Padilha, e pelo vice-presidente Lenomir Trombini, do sindicato paranaense.

Foram estes os temas abordados: "CIP/SEAP", por G. Kurd Riecken e Célio Peres; "Papel kraft, liner e miolo", por Jahir de Castro e Lenomir

Trombini; "Sacaria de papel para açúcar", por José Carlos de Castro Rios; "Reciclagem", por Dante Ramenzoni; "PISA-Papel de Imprensa S/A", por Antônio Barros Barreto; "Controle Ambiental na Riocell", pelo engenheiro Edvins Ratnieks; "Tratabilidade dos efluentes por filtração biológica na IKPC", por Cláudio Born; "Mercado doméstico de celulose fibra-curta branqueada" e "Exportação de papéis brancos", por Osmar Elias Zogbi; "Normas técnicas", por Maury F. Athayde; "Racionalização e substituição de derivados de petróleo", por Benjamin Solitrenick; "Planta-piloto para pastas de alto rendimento", pelo representante do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, Alberto Ferreira Lima; "Uso do sisal na produção de celulose", por Alberto Santos Abade e "Perspectivas futuras do setor", por Alberto Fabiano Pires.

Dentre os vários temas discutidos no decorrer da reunião de Olinda, um dos que obtiveram grande destaque foi o da embalagem do açúcar.

Como se sabe, a ANFPC, há mais de 10 anos, vem pleiteando junto ao Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) autorização para a utilização do saco multifolhado de papel kraft no envasamento de açúcar cristal - embalagem de

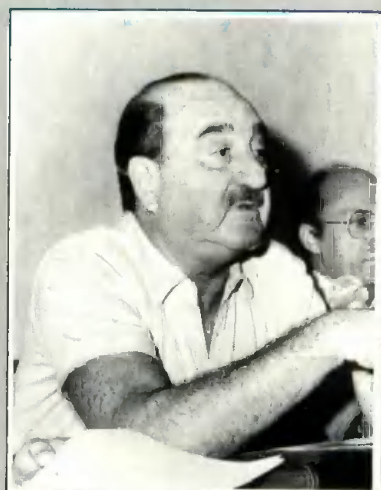
50 kg - destinado ao mercado interno, a exemplo do que já ocorre na maioria dos países produtores de açúcar. Segundo estudos elaborados pela ANFPC, o saco multifolhado de papel kraft oferece comprovadas vantagens em relação à sacaria de algodão, não apenas em termos de custos como, ainda, no que se refere à manutenção da qualidade do produto, pois evita a ação da umidade e, portanto, não deixa o açúcar "chorrar" (derreter).

Segundo informou José Carlos de Castro Rios em sua exposição, após anos de luta infrutífera, a ANFPC solicitou parecer sobre o assunto ao jurista Oliveira Franco e está encaminhando as providências judiciais a fim de levantar a proibição do IAA, "que é discriminatória e vai em prejuízo tanto dos produtores de açúcar como do consumidor final".

Já na apresentação feita pelo representante da PISA, Antônio Barros Barreto, foram apresentados detalhes dessa nova fábrica - inaugurada recentemente e cuja produção de papel de imprensa significará uma economia de divisas da ordem de US\$ 60 milhões/ano. A produção da PISA, somada à da Klabin do Paraná - que desde 1947 produz papel de imprensa - atenderá a cerca de 90% das necessidades do mercado bra-



Muita atenção no acompanhamento dos trabalhos



CHERKASSKY:
A importância dos
encontros regionais

sileiro e, conforme destacou Barreto, "representa importante passo para a total independência" da imprensa brasileira quanto a esse importante insumo (ver matéria nesta edição).

MEIO AMBIENTE - Após fazer um breve histórico das medidas de controle da poluição ambiental adotadas pela Riocecell nos últimos anos, com substanciais investimentos na aquisição de equipamentos adequados, o engenheiro Edvins Ratnieks destacou a tendência que se observa na legislação brasileira que é a de seguir as normas americanas de controle da poluição ou, mesmo, de se adotar normas ainda mais restritas "sem levar em conta se o parque industrial possui capacidade de adaptação, o que, às vezes, poderá significar a inviabilização de plantas ou o impedimento de projetos". Para ele, faz-se necessário um acompanhamento das tendências da legislação, com vistas a orientar e evitar ações proibitivas "que inibam o desenvolvimento do setor".

O engenheiro Cláudio Born, de IKPC - Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, por sua vez, apresentou os resultados da experiência desenvolvida no complexo industrial da empresa em Monte Alegre (PR), onde foi adotada a filtração biológica para o tratamento secundário dos efluentes industriais. A pesquisa foi feita em escala protótipo - onde se efetuam oito ensaios ao longo de 14 meses, com variações na taxa hidráulica e na concentração de efluentes - em função das poucas informações disponíveis sobre parâmetros de dimensionamento, pois não há referências a sis-

temas similares no Brasil.

Segundo Born, é possível atingir a eficiência necessária para o tratamento do efluente industrial, via filtração biológica. "No entanto - ressaltou - para atingir a eficiência mínima necessária de 60% de remoção da DBO₅, é fundamental que se aumente a concentração de alimento para a mesma carga orgânica, o que resulta numa diminuição da vazão dos despejos."

COMBUSTÍVEIS - No que se refere à racionalização do uso de derivados de petróleo e à sua substituição por fontes energéticas alternativas nacionais, o coordenador do GT-13, Benjamin Solitrenick, afirmou que as indústrias do setor obtiveram "significativos resultados".

Conforme dados apresentados por Solitrenick, o setor de celulose e papel apresentou uma redução de 57,4% no consumo de derivados de petróleo entre 1979 e 1984, que passou de 1.127 mil toneladas de óleo combustível para apenas 480 mil. No mesmo período, o uso de combustíveis alternativos pulou de 304 mil teoc (tonelada equivalente de óleo combustível) para 1.312 mil teoc, representando um acréscimo da ordem de 331,6%, e passou de 38 para 160 o número de empresas do setor, em todo o Brasil, que se utilizam de combustíveis alternativos como lenha, carvão mineral, bagaço-de-cana, eletricidade e outros. Com isso, calcula-se que a economia de divisas no setor ultrapassou a casa de US\$ 1 bilhão, entre 1979 e 1984.

Cabe destacar, ainda, que a crescente substituição de derivados do petróleo

propicia maior independência ao setor de celulose e papel em relação a eventuais dificuldades de abastecimento de petróleo.

CELULOSE DE SISAL - Na análise que fez a respeito do mercado doméstico de celulose fibra-curta branqueada, Osmar Zogbi revelou que o mercado interno está sendo plenamente atendido. Ele reafirmou a tese de que o setor deve abastecer prioritariamente as fábricas instaladas no País, mesmo que o mercado externo se mostre mais vantajoso.

Outra idéia levantada no sentido de racionalizar a distribuição de celulose em função de fretes refere-se à regionalização do abastecimento, de acordo com a localização geográfica dos produtores de celulose. Nos dois primeiros meses de 1985 foram entregues 69 mil toneladas de celulose fibra-curta branqueada, contra 62 mil toneladas em igual período do ano passado, representando um acréscimo de 11,6%.

Já em relação à produção de celulose fibra-longa, interessante trabalho foi apresentado por Alberto dos Santos Abade, presidente da Companhia de Celulose da Bahia - empresa que vem utilizando com sucesso o sisal para a fabricação desse tipo de celulose.

Segundo Abade, o mercado tradicional do sisal, representado pela indústria de cordoaria, exige um tamanho mínimo de folha, o que impede a utilização de grande parcela de massa verde produzida nos campos de sisal nordestinos, "que pode ser perfeitamente utilizada



ABADE:
Possibilidades do sisal
na fabricação de celulose



JAHYR DE CASTRO:
Trabalho sobre papel Kraft,
liner e miolo



FABIANO:
As perspectivas do setor
para os próximos 10 anos



SOLITRENICK:
Como o setor substitui
os derivados de petróleo



A mesa que dirigiu a apresentação dos trabalhos

pela indústria de celulose”.

Atualmente a Companhia de Celulose da Bahia possui cultivos próprios de sisal, que é todo processado pela empresa. O rendimento por hectare/ano varia de 2,5 a 3 toneladas de fibra, estando previsto “um rendimento próximo de 4 t/ha nos campos de sisal implantados mais recentemente, graças à adoção de técnicas mais aprimoradas de plantio”.

Dentre as principais aplicações para a celulose fibra-longa obtida a partir do sisal, Abade destaca a fabricação de papéis de segurança/moeda, papéis de cigarro e filtrantes. A seu ver, ela poderia substituir com vantagens a celulose de fibras têxteis extraída a partir do abacá, linter e algodão, por exemplo, e de larga utilização em outros países.

ALTERNATIVAS - O engenheiro Alberto Ferreira Lima, representando o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo - IPT - relatou os bons resultados que estão sendo obtidos na planta-piloto de alto rendimento mantida pelo Centro Técnico de Celulose e Papel (CTCP), daquele Instituto, que desenvolve, por meio de convênio com a indústria, tecnologia, para a fabricação e uso de pastas celulósicas de alto rendimento a partir de madeira e bagaço-de-cana.

A pasta de alto rendimento é apontada como alternativa viável e de menor custo de implantação de unidades industriais para substituir a celulose química e, no caso da pasta obtida pelo IPT, tem sido conseguido maior rendimento em termos de produção por metro cúbico

de madeira, podendo ser utilizada com vantagem na fabricação de papel de imprensa, higiênico, fundo de cartão duplex e papéis LWC (base para couché).

Outro assunto discutido no encontro de Olinda foi a reciclagem de papéis, cujo volume é de aproximadamente 1,1 milhão de toneladas/ano no País, o que representa, conforme o expositor do tema, Dante Ramenzoni, “uma taxa de recuperação de 33,4% do consumo aparente brasileiro”.

Ramenzoni criticou o excessivo aumento nos preços das aparas registrado entre fevereiro de 85 e fevereiro do ano passado - o maior incidiu sobre aparas de papel Kraft de 2.^a, atingindo 526% no período, enquanto o menor aumento situou-se na casa dos 272% - gerado pela oferta de celulose em volumes inferiores aos requeridos e pelo incremento substancial das exportações de celulose em 84, que acabaram por provocar uma menor disponibilidade de aparas. Em função do brutal aumento do preço das aparas, a ANFPC solicitou ao Conselho de Política Aduaneira uma redução do Imposto de Importação, de 55% para zero, estando o processo ainda em análise por parte das autoridades.

Também em relação aos papéis Kraft, Liner e Miolo, utilizados em embalagens, foi apresentada uma análise da situação de oferta e demanda nos mercados interno e externo, por Lenomir Trombini e Jahir de Castro, coordenador do GT-5.

Por seu turno, o coordenador do GT-1, Maury Fontes de Athayde, relatou o trabalho que vem sendo desenvol-

vido pela ANFPC no campo da formulação e aplicação de normas técnicas, destacando o fato de muitas vezes as exportações serem dificultadas, via imposição de barreiras técnicas alfandegárias pelos importadores. Concluiu dizendo que a normalização pode ser usada como “arma” para estabelecer reservas de mercado, “motivo pelo qual devemos estar bem preparados para acompanhar a evolução das normas e regulamentos internacionais”.

AS PERSPECTIVAS do setor para os próximos 10 anos foram apresentadas por Alberto Fabiano Pires em extenso trabalho onde se faz um minucioso balanço da oferta e demanda de papel e celulose previstas para este período. O documento avalia também as novas e relevantes variáveis que estão atuando sobre a conjuntura mundial e brasileira e aponta alguns caminhos para o equacionamento dos problemas detectados. Uma análise detalhada desse trabalho pode ser encontrada nesta edição no editorial assinado pelo presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, bem como a discussão de alguns pontos fazem parte da matéria sobre o segmento de celulose.

No encerramento do encontro, Cherkassky ressaltou a contribuição dos trabalhos apresentados e abordou a realização das próximas reuniões, a serem levadas a efeito no Rio de Janeiro e em Canela (RS). José dos Santos, presidente da Acepan, como anfitrião, agradeceu a presença dos participantes e, a seguir, ofereceu um jantar de confraternização.

Precisos, originais...
De alta tecnologia

E trazem confiança,
idoneidade e qualidade
da **IRUSA** e dos melhores
rolamentos do mercado.

FAG[®]

rhp

TIMKEN[®]



THOMSON

STEYR

ROLLWAY

IRUSA[®]

INTERCÂMBIO DE ROLAMENTOS
ULTRAMAR S/A

Matriz: Rua Florêncio de Abreu, 441

Fone: 228-1322 (PABX)

Telex: (011) 25347 - End. Telegráfico: "ROLAMENTOS"

Caixa Postal: 2479 - CEP 01029 - São Paulo - SP

Filiais:

BELO HORIZONTE: Rua dos Caetés, 1058/66
Telefone: 201-2188 (DDD 031) - Caixa Postal: 584
CEP 30000 - Telex: (031) 1531

CURITIBA: Rua Mal. Floriano Peixoto, 2790
Telefone: 223-4886 (DDD 041) CEP 80000
Telex: (041) 5051

PIRACICABA: Rua Treze de Maio, 768, 3ª a., s/ 31
Telefone: 33-2493 (DDD 0194)
CEP 13400 - Telex (0194) 1648

PORTO ALEGRE: Av. Farrapos, 2243 - Telefone:
22-9500 (DDD 0512) CEP 90000 - Telex (051) 183

RECIFE: Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 945 - A
Telefone: 339-1322 (DDD 081)
CEP 50000 - Telex (081) 1319

RIO DE JANEIRO: Rua Figueira de Mello, 410
s/ 508 - Telefone: 284-9697 (DDD 021) CEP 20000
Telex (021) 23147

COM 86% DE NACIONALIZAÇÃO, A PISA ENTRA NO MERCADO

AS MÁQUINAS estão a todo vapor. Todos os dias, desde a sua inauguração oficial, no dia 5 de março, a PISA Papel de Imprensa S.A., vem produzindo 300 toneladas de papel de imprensa, além de pasta mecânica e termomecânica para fabricação de papelão. "Ela permitirá ao País, economicamente, reduzir as importações em cerca de US\$ 65 milhões por ano". A afirmação é de Thomaz Lowenthal, assistente do diretor-superintendente da empresa.

Com a entrada da PISA no mercado brasileiro, que deverá atender, este ano, 45% do consumo, a imprensa nacional liberta-se do controle da importação de papel, embora ainda sobre mais ou menos 25 mil t/ano para serem importadas. Contudo, para este ano, segundo Lowenthal, o consumo brasileiro de papel para imprensa deverá se situar em torno de 260 mil toneladas.

"Desse total - explicou Thomaz - 115 mil t/ano seriam produzidas pela PISA e aproximadamente 110 mil t/ano pela Klabin".

Localizada no município de Jaguariaíva, Nordeste do Paraná, a PISA poderá construir mais três unidades ao lado da fábrica e assim expandir quatro vezes mais sua produção. "Ela será a maior fábrica da América Latina quando alcançar, a partir de 87, sua capacidade máxima, de 136 mil t/ano", ressaltou, com satisfação, Thomaz Lowenthal.

SEUS EQUIPAMENTOS e sistemas seletivos, aliados ao alto nível técnico, garantem ao seu produto uma qualidade internacional, comparável aos melhores do mundo. Com 86% de nacionalização de suas máquinas, a PISA possui três refinadores para produção de pasta termomecânica que, misturada à celulose forma a massa de papel. Esses refinadores são movidos por dois motores de 5 mil HP. Merece destaque a máquina de produção de papel, equipamentos projetados e fabricados no Brasil pela Voith. Os equipamentos para produção de pasta mecânica são dotados de um sistema computadorizado, que permite um maior controle de qualidade.

A complexa máquina de papel Duo Former F, tem capacidade de produção



Madeira de pinus taeda e eucaliptos são as matérias primas para alimentação das caldeiras e não faltam na região.

Thomaz Lowenthal:
"A PISA será a maior fábrica da América Latina quando alcançar, a partir de 87, sua capacidade máxima de 136 mil t/ano".



A fábrica conta com equipamentos de alto nível técnico para garantir a qualidade internacional do produto

máxima de 177 mil t/ano de papel de imprensa, com gramatura de 40 a 50 g/m², velocidade de até 1.200 m/minuto e largura máxima de 6,75 m. O investimento na concretização do empreendimento foi de US\$ 172 milhões.

Para sua operação, a fábrica não depende de derivados do petróleo como fonte de energia. Por isso, a PISA escolheu a região de Jaguariaíva para localização de sua indústria, que apresenta condições especiais para o desenvolvimento de matérias-primas em resumos básicos utilizados na fabricação de papel: madeira, celulose fibra-longa, energia e água.

"A fábrica nasceu do campo verde", afirmou Thomaz. Além do desenvolvimento de suas florestas de pinheiros e reservas de araucárias, a fábrica montou um campo de testes físicos com con-

trole e registro de umidade e temperatura ambiental para controle de qualidade. A principal matéria-prima utilizada é a madeira de pinus taeda e eucaliptos para alimentação das caldeiras, o que não falta na região.

Existem ainda grandes projetos de reflorestamento, o que será feito através do incentivo fiscal do Governo. Eles garantem um suprimento permanente de madeira num raio máximo de 130 quilômetros. Através de sua subsidiária, a PISA Florestal S/A possui e controla uma área de aproximadamente 30 mil hectares de florestas de pinheiros, já perto da maturidade. Assim sendo, quando estiver utilizando sua capacidade total, em 86, a fábrica deverá consumir 656 mil t de madeira por ano como matéria-prima, além de outras 350 mil t por ano, como combustível.

SBS ELABORA DOCUMENTO BÁSICO DO SETOR FLORESTAL

As aspirações e preocupações manifestadas neste documento, cuja elaboração foi coordenada pela Sociedade Brasileira de Silvicultura — SBS — representam o somatório e a harmonização dos interesses econômicos, sociais e conservacionistas dos segmentos de classe que o apóiam e o endossam.

AS INFORMAÇÕES e sugestões aqui apresentadas têm como origem básica o trabalho intitulado “Brasil Florestal: ano 2000”, elaborado em 1982, já com o objetivo de fornecer diretrizes estratégicas e propostas de ação para a execução de um Plano Nacional de Desenvolvimento do Setor Florestal.

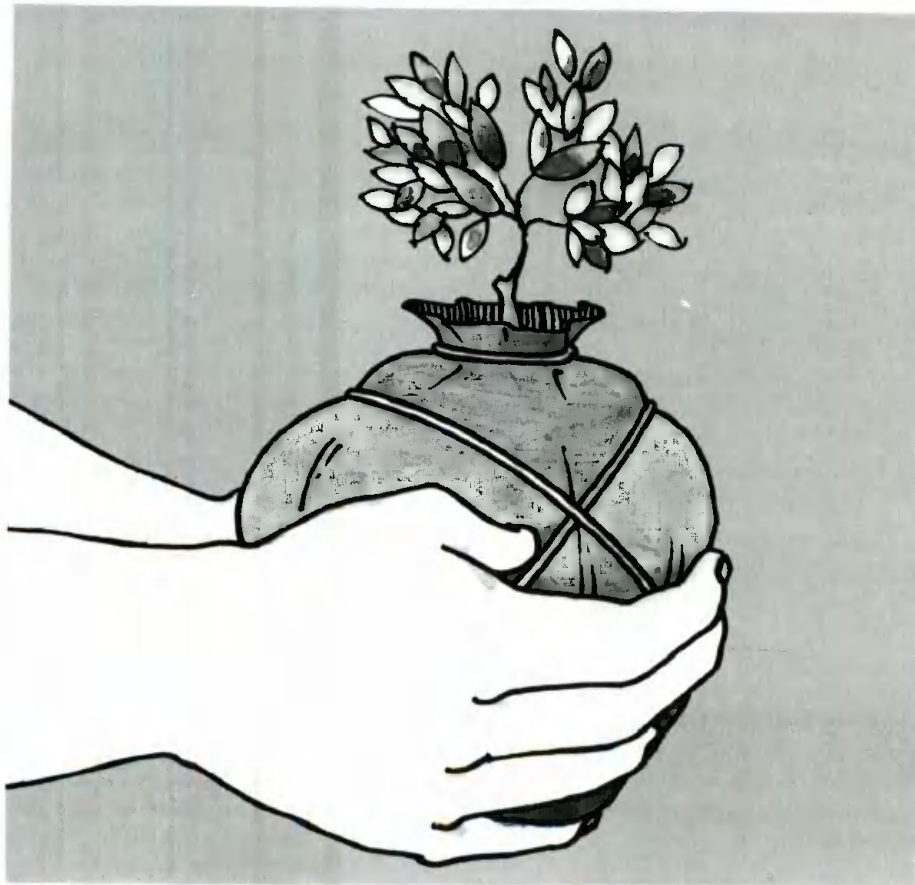
A vocação brasileira nesta área é evidente e incontestável. A extensão territorial e as condições favoráveis de solo e clima do Brasil o colocam em situação bastante privilegiada. No entanto, paradoxalmente, os números do setor florestal são ainda modestos quando comparados com os de países de tradição madeireira. O potencial para crescimento é uma realidade. Como prova, basta citar que 5,5 milhões de hectares já foram reflorestados até 1984, sem maiores interferências com a agricultura. A

contribuição econômica e social, por sua vez, poderá ser significativamente aumentada: atualmente são mantidos cerca de 300.000 empregos diretos e a receita de exportação atingiu 1,1 bilhão de dólares em 1984. Não obstante esses avanços, a atividade florestal deverá me-

recer atenção especial do Governo, objetivando plantios de até 16 milhões de hectares nos próximos 15 anos, bem como a plena materialização de todos os benefícios, diretos e indiretos, que podem ser propiciados à sociedade brasileira. Esta atenção, dentre as variáveis

enumeradas no corpo deste documento, deverá voltar-se prioritariamente aos seguintes aspectos:

- implantação de política florestal específica para a Amazônia;
- consolidação da política de conservação ambiental;
- adequação e ampliação do programa de reflorestamento, com recursos financeiros compatíveis com as características da atividade;
- estímulo aos trabalhos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico;
- formação de recursos humanos integrados à realidade setorial;
- fortalecimento e reestruturação do IBDF.



1 - A IMPORTÂNCIA DO SETOR FLORESTAL BRASILEIRO

O SETOR FLORESTAL contribui significativamente para a economia nacional. As exportações de madeira e seus produtos industrializados, atingiram em 1984 a mais de 1 bilhão de dólares. A madeira gera cerca de 20% da energia primária consumida no Brasil. Em 1984,

a exportação de ferro-gusa gerou 650 milhões de dólares e o carvão-vegetal, como agente de redução do minério, foi responsável por cerca de 40% do total de gusa produzido no País.

A lei de incentivos fiscais, promulgada em 1966, permitiu reflorestar, até

1984, cerca de 5,5 milhões de hectares, quando, em 1965, as florestas plantadas existentes somavam pouco mais de 500 mil hectares. Quantidade substancial de empregos diretos, não qualificados, é ocupada anualmente com o atual ritmo de plantio de novas florestas. Pelo efei-

to multiplicador, o reflorestamento proporciona atividades econômicas que geram e mantêm mais de 300 mil empregos permanentes. O Brasil necessita aumentar e acelerar o plantio de novas florestas, para atender as suas próprias necessidades, suas metas de exportação de produtos de madeira, além de poder contar com maior participação de biomassa florestal nos esforços para solucionar a crise do petróleo, num trabalho que, também, indiretamente objetiva preservar os remanescentes de florestas naturais. A produtividade tem de ser elevada em relação aos níveis atuais, tanto para melhorar a rentabilidade da atividade florestal, como para tornar

seus produtos mais competitivos no mercado interno e no Exterior.

A floresta tropical densa ocupa, aproximadamente, 280 milhões de hectares, ou seja, cerca de 30% do território nacional, com um imenso potencial madeireiro comercializável. Todavia, sua exploração racional, não predatória, visando à produção sustentada, só será técnica e economicamente viável com o apoio da pesquisa, já que os dados existentes ainda são insuficientes para definir, os métodos de manejo aplicáveis à região.

Nas regiões áridas e semi-áridas do Nordeste, é impositivo incrementar a produção de madeira para uso nas pro-

priedades rurais, fins habitacionais e propósitos energéticos, sem perder de vista os problemas ambientais.

Faz-se mister consolidar, no País, a importância de se utilizar os benefícios indiretos das florestas naturais e plantadas para a proteção de mananciais, proteção de solos, prevenção de enchentes e proteção da fauna. A preservação de amostras de ecossistemas florestais adequadamente localizadas, com áreas que lhes permitam exercer o desempenho ambiental que a sociedade exige, é dever desta geração para com as vindouras.

2 - PONTOS IMPORTANTES A SEREM CONSIDERADOS

1 COBERTURA FLORESTAL — As florestas naturais do País encontram-se desigualmente distribuídas e distantes dos centros de maior consumo. A Região Amazônica detém cerca de 82% da área total de floresta densa, enquanto a Região Sul detém somente 2%.

É necessário que sejam preservadas as florestas naturais remanescentes, ampliadas as áreas de reflorestamento e implementado o uso racional da Floresta Amazônica.

2 OFERTA E DEMANDA DE MADEIRA — A grande oferta de madeira está concentrada na Região Norte que detém reservas avaliadas em mais de 16 bilhões de metros cúbicos, carecendo, no entanto, de conhecimentos técnicos que permitam a sua concreta utilização.

A Região Nordeste praticamente importa toda a madeira que consome, pois possui apenas 4% da área florestal brasileira.

Na Região Centro-Oeste, os Estados de Mato Grosso e Goiás apresentam grandes áreas com florestas naturais e o Mato Grosso do Sul detém significativas áreas reflorestadas.

O Sudeste praticamente não conta com reservas nativas e, além disso, as florestas plantadas não são suficientes para atender à demanda industrial da região.

Finalmente, o Sul dispõe de povoaamentos naturais, remanescentes, assim como de florestas plantadas que, porém, poderão ser insuficientes para atender a demanda futura da indústria. Há necessidade de se implementar o reflorestamento nessa região, considerando-se, in-

clusive, o aumento do consumo em função do uso da madeira como alternativa energética.

3 OFERTA E DEMANDA dos Produtos Industriais à Base de Madeira — A produção de celulose e papel deverá aumentar significativamente nos próximos anos, tanto para manter a contribuição já efetiva na balança comercial, como também para atender os aumentos do consumo interno.

Na siderurgia, a participação do carvão-vegetal, que atualmente gira em torno de 40%, poderá reduzir-se de forma significativa, caso não seja aumentada a participação da madeira de reflorestamento na produção do carvão.

Além dessa redução, é de se prever maiores problemas no abastecimento, com reflexos negativos na conservação das florestas naturais. No tocante às indústrias de madeira reconstituída ou processada mecanicamente, é importante que sejam consideradas as suas localizações a grandes distâncias das florestas disponíveis, e os conseqüentes problemas de abastecimento, com reflexos na ociosidade industrial, na falta e no custo do produto ou na inviabilidade econômica da produção.

Com respeito à madeira para fins energéticos, deve-se considerar o aumento progressivo da demanda, a continuidade da extração predatória na obtenção deste produto para geração de energia e a inexistência de programas de reflorestamento para o atendimento de tais objetivos.

4 MERCADO EXTERNO — A participação do Brasil no mercado ex-

terno poderá ser consideravelmente aumentada.

As indústrias de celulose e papel, de chapas, de siderurgia, etc., poderão elevar a capacidade de produção, caso haja, entre outros fatores, garantia de abastecimento e disponibilidade de madeira. No entanto, grande atenção deve ser voltada ao extraordinário potencial representado pela Região Amazônica. Esse potencial poderá tornar-se realidade mediante a adoção de medidas comerciais embasadas em conhecimentos tecnológicos da madeira e com melhor orientação interna e externa junto aos centros consumidores.

5 PROGRAMA DE REFLORESTAMENTO — A análise detalhada dos diversos segmentos da economia nacional evidencia a necessidade de o Brasil contar com 16 milhões de hectares reflorestados no ano 2000, o que equivaleria a um programa anual superior a 500.000 hectares. Os números atuais são bastante inferiores e essa defasagem, que se agrava anualmente, só poderá ser superada mediante o esforço conjunto do Governo e de toda a comunidade florestal.

É importante que se consolide a estrutura do setor, que já conta com grande número de empresas em atividade, evitando-se a pulverização de reflorestamentos sem perspectivas de aproveitamento, e criando-se condições que possibilitem a manutenção e a utilização das áreas já reflorestadas. Da mesma maneira, deve-se considerar a extrema necessidade de se integrar a pequena e média empresa rural à política de reflorestamento, ao mesmo tempo que me-



didadas de estímulo devem permitir o aproveitamento de áreas marginalizadas, notadamente nas propriedades rurais das regiões Sul e Sudeste.

É necessário, também, que através de um sistema atuante de assistência e fiscalização, sejam estabelecidas e exigidas produtividades florestais compatíveis com o nível da tecnologia disponível. Torna-se premente a tomada de medidas que, promovendo a consolidação da estrutura empresarial existente e conservando o patrimônio florestal formado, possam assegurar o sucesso alcançado pela política de reflorestamento implantada no País há mais de 15 anos.

6 A VARIÁVEL TECNOLÓGICA — A tecnologia florestal deverá adequar-se às peculiaridades de cada região, com destaque especial ao manejo e exploração da Floresta Amazônica e ao reflorestamento no Nordeste. Com respeito à silvicultura, embora já se tenha alcançado níveis de conhecimentos satisfatórios, torna-se imprescindível a evolução dos estudos e pesquisas visando à adoção de alternativas para técnicas de manejo, de exploração e de transporte. É importante, também, que o uso da madeira para fins energéticos seja estudado em toda a sua abrangência.

7 RECURSOS HUMANOS — O ensino florestal no País, nos últimos 20 anos, vem formando profissionais voltados prioritariamente para atender a demanda oriunda do incentivo fiscal ao reflorestamento. Esse estímulo, cujo auge deu-se por volta de 1970, fez com que as universidades e os próprios universitários dessem ênfase especial às florestas plantadas, em detrimento do manejo das florestas naturais bem como da fauna silvestre. Esse desequilíbrio aliado às diversidades de tipologias florestais e às próprias diferenças de desenvolvimento regional, produziu, em

maior número, profissionais habilitados a se integrar às atividades relacionadas ao reflorestamento. De outro lado, a carência de recursos humanos com formação em manejo de florestas naturais, aliada à criação indiscriminada de novos cursos, tem provocado a migração de profissionais não habilitados para este segmento de trabalho.

Torna-se imperioso, portanto, que a criação de novos cursos, e o direcionamento do ensino dos cursos já existentes se compatibilizem com as características e necessidades regionais. É importante, também, que a formação de profissionais de nível médio seja adequada às características do mercado de trabalho, evitando-se a utilização indevida dos recursos humanos disponíveis.

8 RECURSOS FINANCEIROS — O reflorestamento, na sua quase totalidade, advém da disponibilidade de recursos dos incentivos fiscais. No entanto, esses recursos já se tornaram escassos em face do aumento da demanda e das alocações setoriais e geográficas inadequadas. De outro lado, as possíveis fontes alternativas de recursos financeiros não se têm operacionalizado, pois seus agentes (Bancos de Desenvolvimento) ainda não conseguiram se adaptar às condições e peculiaridades setoriais. Para que a defasagem entre as áreas necessárias de reflorestamento e o efetivo plantio, não atinja níveis irrecuperáveis, torna-se imprescindível o ajustamento das disponibilidades orçamentárias do incentivo fiscal às reais necessidades do País. Ao mesmo tempo, deverão ser implementadas linhas de financiamento alternativo, adotando-se prazos compatíveis com a atividade florestal.

É importante também que os empreendimentos para fins energéticos sejam integrados à política energética nacional e recebam tratamentos e benefícios específicos.

9 CONSERVAÇÃO AMBIENTAL — As áreas com plantio florestal contribuem para a conservação ambiental, desde que os complexos florestais sejam instituídos racionalmente, deixando-se manchas de cobertura vegetal nativa, que possam manter nichos ecológicos para abrigo da fauna.

Salienta-se também, que terras já degradadas pela agricultura e/ou pecuária ou ainda solos pobres apresentam quase sempre nítida vocação florestal. A opção de reflorestamento, nesses casos, contribui para se evitar erosões e assoreamentos de rios, lagos e reservatórios.

Para a efetiva implantação de uma política de conservação ambiental é fundamental uma eficiente fiscalização e o manejo adequado das diferentes unidades de conservação, representadas pelos Parques Nacionais, Reservas Biológicas e pelas Florestas Nacionais.

9.1 PARQUES NACIONAIS E RESERVAS BIOLÓGICAS —

O Brasil conta com 26 Parques Nacionais, cujas áreas correspondem a 9.000.000 hectares. Também, sob a denominação de Reservas Biológicas, dispõe de 14 dependências, com 2.000.000 hectares.

Entretanto, a facilidade da criação oficial dos Parques e das Reservas contrasta fortemente com o enorme trabalho e os grandes gastos necessários para efetiva implantação dessas unidades.

A complexidade do problema pode ser medida pelo fato de que 60% das áreas dos Parques e das Reservas estão em mãos de particulares, evidenciando-se assim, que o Estado, em contrapartida, dispõe de menos da metade da área que considera necessária para preservação dos ambientes naturais.

Por outro lado, a indisponibilidade crônica das enormes verbas requeridas, a ascensão vertiginosa dos valores e a extrema morosidade dos processos judiciais de discriminação e de desapro-

priação, também dificultam sobremaneira a solução dos problemas em prazos exequíveis.

9.2 FLORESTAS NACIONAIS — Os Parques Nacionais e Reservas Biológicas são categorias de manejo legalmente definidas como de uso indireto dos recursos. Servem, pois, à preservação da natureza. Já as florestas nacionais têm como objetivo o uso múltiplo dos seus recursos. O Brasil conta

hoje com 14 florestas nacionais somando 1.000.000 hectares.

10 ASPECTOS INSTITUCIONAIS — Para que a atividade florestal brasileira possa se desenvolver adequadamente torna-se imprescindível o estabelecimento de uma política florestal estável, adequada às diversidades regionais e imune às freqüentes alterações governamentais. É imperativo o fortalecimento e a reestruturação do IBDF, com alo-

cação de recursos operacionais compatibilizados com a enorme responsabilidade que lhe é atribuída. É de se ressaltar dentro das atribuições do IBDF, além dos aspectos envolvidos na produção e no reflorestamento, as responsabilidades inerentes à administração e à fiscalização de todos os Parques Nacionais, as Reservas Biológicas e as Florestas Nacionais, além de medidas de proteção e conservação da fauna silvestre de todo o País.

SUGESTÕES

1 Fortalecer e reestruturar o IBDF para que as suas atribuições sejam plenamente executadas e que as responsabilidades que lhe são próprias possam ser convenientemente atendidas, antes que nos defrontemos com a destruição irreversível do nosso patrimônio florestal.

2 Acelerar a definição de uma política florestal para a Amazônia, visando:

- a preservar os seus ecossistemas representativos;
- a acelerar a geração da tecnologia florestal adaptada às condições da região;
- a criar infra-estrutura para a comercialização da madeira processada, visando ao abastecimento do mercado interno e à exportação;
- a disciplinar a ocupação da Amazônia, com prioridade à utilização racional sustentada dos recursos florestais.

3 Promover a plena integração do Nordeste brasileiro nas atividades florestais, com o objetivo de:

- produzir madeira para atender às necessidades da zona rural, assim como, para fins habitacionais;
- produzir matéria-prima para atender as necessidades energéticas locais;
- produzir matéria-prima para suprir as indústrias a serem implantadas;
- elevar a produtividade total do so-

lo, protegendo-o através de sistemas agroflorestais adequados às características sociais, edáficas e climáticas da região.

4 Orientar a política de reflorestamento e promover a implantação de florestas, de maneira que se possa garantir:

- equilíbrio entre a oferta e a demanda de madeira;
- abastecimento aos consumidores definidos;
- atendimento da crescente demanda de madeira para fins energéticos;
- atendimento à expansão da demanda de produtos industriais à base de madeira;
- efetiva participação brasileira no mercado externo de produtos florestais;
- integração das pequenas e médias propriedades rurais;
- benefícios indiretos à população, como proteção de mananciais, conservação do solo, prevenção de enchentes, lazer e conservação da fauna.

5 Implantar sistemas de acompanhamento, assistência e apoio que propiciem o aumento da produtividade florestal e a melhor rentabilidade das florestas plantadas, contando-se com:

- melhor utilização da capacidade tecnológica e empresarial;
- desenvolvimento de tecnologia e ar-

ticulação das instituições e empresas representativas do setor;

- racionalização dos transportes;
 - participação das indústrias de bens de capital, para projetar e produzir equipamentos florestais.
- 6** Acelerar a implantação e consolidação das unidades de conservação da natureza, através da regularização fundiária, fiscalização eficiente e manejo adequado, para que se consiga:
- preservar comunidades bióticas para assegurar o processo evolutivo;
 - proteger espécies raras, endêmicas, em perigo ou ameaçadas de extinção;
 - preservar o patrimônio genético;
 - proteger bacias hidrográficas;
 - proteger recursos florísticos e faunísticos;
 - preservar belezas cênicas naturais;
 - conservar valores culturais.

7 Adequar os recursos financeiros disponíveis de forma a maximizar os programas setoriais em andamento e prever novos recursos para o atendimento da expansão dos mercados interno e externo, de acordo com as prioridades do setor florestal.

8 Adequar a formação de profissionais de nível superior e médio às necessidades do setor florestal brasileiro, promovendo seu pleno aproveitamento.



TECNOLOGIA, PESQUISA & SERVIÇO

A BASF Brasileira fornece às indústrias de papel e celulose uma gama de produtos auxiliares, corantes e dispersões plásticas destinada, basicamente, a melhorar os processos de produção e proporcionar características especiais ao papel.

Como parte integrante desses produtos, a BASF oferece, ainda, completa assistência técnica visando a aumentar a qualidade e a produtividade das empresas fabricantes de papel.

A participação da BASF nesse mercado é feita pela comercialização dos seguintes produtos:

Coating: *Acronal* (ligantes base acrílica), *Styronal* (ligantes base estireno-butadieno), *Acrosol* (co-ligantes), *Latekol* (regulador de viscosidade) e *Polysal* dispersantes de pigmentos).

Papel e celulose: *Afranil* (antiespumantes), *Basoplast* (agentes de colagem), *Luredur* (resinas de resistência a seco), *Luresin/Urecoll* (resinas de resistência a úmido), *Polymin* (agentes de retenção, drenagem e floculação), *Anthosin* (corantes ácidos), *Basazol* (corantes básicos) e *Fastusol* (corantes diretos).

BASF Brasileira S.A.
Indústrias Químicas

BASF



Klabin do Paraná: 50 anos de experiência.

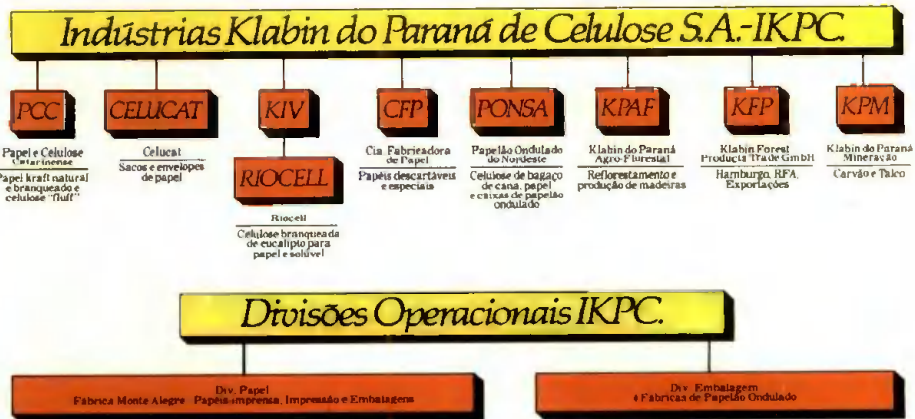
Fundada em 1934, a Klabin do Paraná nasceu de uma idéia: produzir papel-imprensa no país.

Naquela época, os sinais de guerra na Europa indicavam que o Brasil, mais do que nunca, necessitava de auto-suficiência de matérias-primas básicas, como a celulose e papel para jornais. Foi com muito esforço e tenacidade de seus empreendedores, que a fábrica pôde ser concluída em 1947.

A partir daí a Klabin nunca parou de crescer e diversificar sua linha de produtos.

Já na década de 50, a Klabin era a maior produtora de papel e celulose do Brasil, e hoje é a maior da América Latina, estando entre as 100 maiores do mundo.

Hoje, Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. têm sua principal unidade industrial na Fazenda Monte Alegre, Telêmaco Borba, Paraná, que produz 450.000 toneladas ao ano de papéis para impressão e embalagens, e 4 fábricas de papelão ondulado localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.



É também uma holding que controla direta ou indiretamente outras empresas do setor.

Em 1984, Klabin e controladas produziram acima de 900.000 toneladas de celulose e papel, cerca de 20% da produção nacional, proporcionando 18.000 empregos diretos, e ampliando para 160.000 ha suas reservas próprias de florestas

plantadas de pinus, eucalipto e araucária. Este é o resultado de uma empresa com 50 anos bem sucedidos.

